

Entre o verso e a imagem: Representações das Musas na literatura e iconografia da Antiguidade

Between verse and image: Representations of the Muses in ancient literature and iconography

Ívina Silva Guimarães¹

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo apresentar e analisar aspectos das representações das Musas nas obras literárias e iconográficas produzidas entre os séculos VI a.C. e II d.C. O estudo busca compreender as variações relacionadas à origem, funções e imagem dessas divindades, considerando as particularidades de cada período histórico, gênero literário, estilo iconográfico ou vertente de pensamento que influenciaram sua interpretação. A pesquisa propõe uma abordagem sistemática, organizando as fontes em categorias específicas, de modo a identificar padrões de permanência e transformação nas representações ao longo do tempo. Essa análise permite traçar um panorama mais amplo sobre o papel das Musas na cultura grega e sua evolução simbólica na Antiguidade.

Palavras-chave: Musas. Grécia Antiga. Literatura grega.

Abstract

This study aims to present and analyze aspects of the representations of the Muses in literary and iconographic works produced between the VI b.C. e II a.C. The research seeks to understand the variations related to the origin, functions, and image of these deities, taking into account the specificities of each historical period, literary genre, iconographic style, or school of thought that influenced their interpretation. The study adopts a systematic approach, organizing the sources into specific categories to identify patterns of continuity and transformation in their representations over time. This analysis provides a

¹ Mestre em História pela Universidade Federal de Minas Gerais.

broader perspective on the role of the Muses in Greek culture and their symbolic evolution in antiquity.

Keywords: Muses. Ancient Greece. Greek literature.

Introdução

A figura das divindades denominadas Musas se faz constantemente presente no imaginário da sociedade grega antiga. Os gregos atribuíam às Musas o resgate da memória de grandes feitos e de grandes homens, de um passado às vezes longínquo, repleto de glórias e riquezas. Entre o fim da sociedade palaciana micênica da Idade do Bronze (c. 1200 a.C.) e o chamado “renascimento” do século VIII a.C., acredita-se que a escrita era inexistente na Grécia. Nesse contexto, a poesia oral se tornou um importante instrumento de conservação de memórias culturais e identidades de grupo no mundo grego. A poesia era um dos principais meios responsáveis por recordar e reutilizar as tradições. Logo, a narrativa poética levava, intrínseca a si, a incumbência de preservar e transmitir a visão de mundo e consciência da própria história dessa sociedade.

As Musas são figuras de grande importância no mundo das artes e na cultura da Grécia Antiga, mas sua influência ultrapassa o universo da antiguidade grega. A constante presença das Musas em produções acadêmicas e nas esferas de cunho cultural, permite pensar na relevância do papel desempenhado pelas deusas na construção cultural da sociedade ocidental dos séculos XX e XXI. Enquanto representações femininas, filhas do líder do panteão grego e ícones dos principais instrumentos da esfera artística, as Musas foram memoradas, reinterpretadas e reutilizadas em diferentes épocas da Grécia Antiga e em períodos históricos posteriores.

A presente pesquisa dedica-se ao estudo das Musas e suas representações culturais na literatura e na iconografia da Antiguidade. Isto é, a propõe-se

identificar e analisar de que forma essas deusas eram representadas, imaginadas e/ou caracterizadas na literatura grega antiga dos períodos arcaico e clássico e na iconografia entre os séculos VI a.C. e II d.C.

As epopeias constituem a fonte primordial para estudiosos da antiguidade que se dedicam a análise da formação sociocultural dessa singular sociedade grega antiga. São numerosos os estudos contemporâneos relativos às Musas na epopeia grega, tendo Homero e Hesíodo como uma das principais fontes de conhecimento sobre essas divindades, e sobre a maneira como elas eram imaginadas. Não existe consenso entre os estudiosos helenistas quanto a datação dos poemas homéricos *Ilíada* e *Odisseia*, mas conclusões a esse respeito tendem a oscilar entre o final do século VIII e o século VI a.C.² Já os textos hesiódicos – *Teogonia* e *Os trabalhos e os dias* – podem ser situados no século VII a.C. A esse século e o seguinte (VI a.C.) pertencem outros autores que também fazem referências às Musas, como Arquíloco, Alcman, Sólon, Safo, entre outros/as. Junto de Homero e Hesíodo, esses são autores imprescindíveis para o entendimento de como as Musas eram representadas e imaginadas na sociedade grega arcaica – além de serem fontes da qual beberam outros renomados autores gregos de séculos posteriores.

A presença das Musas, porém, transcende o período arcaico e o gênero da epopeia. As deusas são invocadas e aclamadas em diferentes gêneros literários documentados em períodos posteriores a Homero e Hesíodo. As Musas transitam entre diferentes gêneros literários e artísticos, como a comédia, a tragédia, os epinícios, os ditirambos, a filosofia e a poesia lírica e iâmbica, desde as odes de vitória de Píndaro e Baquírides, até a comédia de Aristófanes e a tragédia de Eurípides, onde são invocadas e louvadas:

Μοῦσα χορῶν ἱερῶν: ἐπίβηθι καὶ ἔλθ' ἐπὶ τέρψιν ἀοιδᾶς ἐμᾶς,
τὸν πολὺν ὀψομένη λαῶν.
Musa, dá início aos coros sagrados,

² MORAES, Alexandre Santos de. *A Palavra de quem canta: aedos e divindades nos períodos homérico e arcaico gregos*. (Dissertação de Mestrado em História). Rio de Janeiro: Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009, p.12.

vem trazer beleza ao nosso canto³.

καὶ νῦν ἐπ' εὐτυχοῦντι Τρωϊκῶδι στρατῶι
ἦκω πορεύουσ' ἄνδρα σοι μέγαν φίλον,
τῆς ὕμνοποιοῦ παῖδα Θρήκιον θεᾶς
[Μούσης· πατὴρ δὲ Στρυμόνος κικλήσκειται].
Agora à tropa troiana de boa sorte
venho te conduzindo grande amigo
filho trácio da Deusa que faz hinos
Musa, e tem nome do pai Estrímon⁴.

εὐθὺν' ἐπὶ τοῦτον, ἄγε, Μοῖσα, οὐρον ἐπέων
εὐκλέα. παροιχομένων γὰρ ἀνέρων
ἀοιδαὶ καὶ λόγοι τὰ καλά σφιν ἔργ' ἐκόμισαν,
Βασσίδαισιν ἅ τ' οὐ σπανίζει:

Come, Muse, give a straight course to the glorious wind of song for this man. For when men pass away songs and stories preserve their fine deeds for them, and there is no shortage of these in the house of the Bassids⁵.

λευκώλενε Καλλιόπα,
στᾶσον εὐποίητον ἄρμα
αὐτοῦ: Δία τε Κρονίδαν
ὕμνησον Ὀλύμπιον ἀρχαγὸν θεῶν,
τόν τ' ἀκαμαντορόαν
Ἄλφεόν, Πέλοπός τε βίαν,
καὶ Πίσαν, ἔνθ' ὁ κλεεννὸς
ποσσὶ νικάσας δρόμῳ
ἦλθ]εν Φερένικος ἐς εὐπύργους Συρακόσ-
σας Ἱέρωνι φέρων
εὐδ]αιμονίας πέταλον.
χρῆ δ' ἀλαθείας χάριν
αἰνεῖν, φθόνον ἀμφοτέραισιν
χερσὶν ἀπώσάμενον,
εἴ τις εὖ πράσσοι βροτῶν.

White-armed Calliope, stop your well-made chariot right there. Sing of the Olympian ruler of the gods, Zeus son of Cronus, [180] and the untiring stream of the Alpheus, and the strength of Pelops, and Pisa, where glorious Pherenicus won victory in the race with his feet, and returned to Syracuse with its fine towers, [185] bringing to Hieron the leaf of good fortune. For the sake of truth we must give praise,

³ ARISTÓFANES. *As Rãs*, v.675-676. Trad. Silva, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316.2/31788>. Acesso em: 09 maio 2018.

⁴ EURÍPIDES. *Reso*, v.649-652. TORRANO, JAA. A Tragédia Reso de Eurípides. Fragmentum, v.1, n.38, Laboratório Corpus: UFSM, jul./set. 2013.

⁵ PÍNDARO. *Odes Neméias*, ode 6, v.29-32. PINDAR. Odes. Trad. Diane Arnson Svarlien, 1990. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.01.0162>. Acesso em: 06 jul. 2018.

pushing away envy with both hands, [190] if any mortal man does well⁶.

É imprescindível compreender que as Musas retratadas por Homero e Hesíodo possuem algumas diferenças aparentemente marcantes em relação às Musas encontradas em outros gêneros literários e na iconografia de períodos posteriores. As transformações ocorridas na cultura e sociedade gregas entre a antiguidade Arcaica, Clássica e Helenística, provocam questionamentos pertinentes às Musas. Sobretudo no que se refere às variações na maneira como elas foram imaginadas e representadas durante esse intervalo cronológico.

O caráter incompleto do corpus literário grego que sobreviveu aos dias de hoje – assim como a natureza fragmentária de muitos textos literários gregos individuais – dificultam bastante a identificação de mudanças históricas na caracterização das Musas na literatura grega antiga. Por exemplo: entre os autores do período clássico, encontramos algumas instâncias em que as Musas parecem ser representadas de maneiras significativamente diversas daquelas de textos anteriores do período arcaico. Em um fragmento de Sólon e na comédia *As Rãs* de Aristófanes, as Musas aparecem não como cantoras, ou como fonte de inspiração, ou ainda para conceder conhecimento para o canto do poeta; mas como público ouvinte do canto de outrem⁷. Como saber em que medida a imagem das Musas como ouvintes trata-se de uma peculiaridade de Sólon e Aristófanes, ou se tal concepção já existia antes, mas não está documentada nos textos que chegaram até nós?

A análise das representações iconográficas das Musas também enfrenta diversos desafios semelhantes, como à fragmentação e ao estado de deterioração em que muitos artefatos arqueológicos chegaram até os dias atuais. Esculturas, vasos pintados, relevos e outras obras que retratam essas e outras divindades frequentemente apresentam danos significativos, como peças faltantes ou perda

⁶ BAQUÍLIDES. *Epinícios*, ode 5, v.176-190. BACCHYLIDES. *Odes*. Trad. Diane Arnson Svarlien, 1991. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.01.0064>. Acesso em: 06 jul. 2018.

⁷ SÓLON. *Fragmento 13*, v.1; ARISTÓFANES. *As Rãs*, v.874.

de detalhes essenciais, dificultando a identificação precisa das figuras representadas e suas atribuições específicas. Além disso, a ausência de inscrições claras ou elementos contextuais em muitos desses achados complica ainda mais a interpretação, levando a debates entre estudiosos sobre certas imagens representam de fato as Musas ou outras figuras femininas. Esse cenário é agravado pela natureza limitada das fontes materiais disponíveis, uma vez que grande parte do patrimônio artístico da Grécia Antiga foi perdida ao longo dos séculos. Assim, reconstruir as representações iconográficas das Musas exige uma combinação cuidadosa de análise arqueológica, comparações estilísticas e estudos literários para suprir as lacunas deixadas pela história.

As origens das Musas

A presença das Musas em parte considerável dos gêneros poéticos desde o período arcaico confirma que é antiga a associação dessa divindade com a poesia. Hesíodo é o primeiro autor conhecido a nomear e distinguir cada uma das Musas, legando a Calíope o lugar de destaque entre suas irmãs. Sendo filhas da Memória e de Zeus, a quantidade de vezes em que Zeus se deitou com a Memória, resultou igualmente na quantidade de filhas que a Memória pariu:

τὰς ἐν Πιερίῃ Κρονίδῃ τέκε πατρὶ μιγεῖσα
Μνημοσύνη, γουνοῖσιν Ἐλευθηῆρος μεδέουσα,
λησμοσύνην τε κακῶν ἄμπαυμά τε μερμηράων.
ἐννέα γάρ οἱ νυκτὸς ἐμίσητο μητίετα Ζεὺς
νόσφιν ἀπ' ἀθανάτων ἱερὸν λέχος εἰσαναβαίνων:
ἀλλ' ὅτε δὴ ῥ' ἐνιαυτὸς ἔην, περὶ δ' ἔτραπον ὄραι
μηνῶν φθινόντων, περὶ δ' ἤματα πόλλ' ἐτελέσθη,
ἦ δ' ἔτεκ' ἐννέα κούρας ὁμόφρονας, ἧσιν αἰοιδὴ
μέμβλεται ἐν στήθεσσι, ἀκηδέα θυμὸν ἐχούσας,
τυτθὸν ἀπ' ἀκροτάτης κορυφῆς νιφόεντος Ὀλύμπου.
A elas, na Piéria unida ao pai, filho de Crono, pariu
Memória, dirigente das ladeiras de Eleuteros,
como esquecimento de males e suspensão de afãs.
Por nove noites com ela uniu-se o astuto Zeus
longe dos imortais, no sacro leito subindo;
mas quando o ano chegou, e as estações deram a volta,

os meses finando, e muitos dias passaram,
ela gerou nove filhas concordes, que do canto
no peito se ocupam com ânimo sem aflição,
perto do mais alto pico do Olimpo nevoso:
lá têm reluzentes pistas de dança e belas moradas⁸.

Já em Homero não encontramos nenhuma menção referente à mãe das Musas, nem o nome de cada deusa. Nas obras homéricas, o poeta se refere às deusas ora no singular, ora no plural, distinguindo-as enquanto nove entidades apenas uma vez, no funeral de Aquiles:

μη̄νιν ἄειδε θεὰ Πηληϊάδεω Ἀχιλῆος
Canta, ó deusa, a cólera de Aquiles, o Pelida⁹.

ὥς τότε μὲν πρόπαν ἦμαρ ἐς ἡέλιον καταδύντα
δαίνυντ', οὐδέ τι θυμὸς ἐδεύετο δαιτὸς εἴσης,
οὐ μὲν φόρμιγγος περικαλλέος ἦν ἐχ' Ἀπόλλων,
Μουσάων θ' αἰ̄ ἄειδον ἀμειβόμεναι ὀπῑ καλῆ.
Por todo o dia então, até o pôr do sol,
juntos banquetearam-se; de seu quinhão
nenhum privou-se, nem da lira multilinda
de Apolo, nem das Musas, alternando vozes¹⁰

τίς τὰρ τῶν ὄχ' ἄριστος ἔην σύ μοι ἔννεπε Μοῦσα
αὐτῶν ἠδ' ἵππων, οἳ ἄμ' Ἀτρεΐδῃσιν ἔποντο.
Mas entre eles quem era o melhor diz-me agora tu, ó Musa
entre homens e cavalos, que seguiram com os dois Atridas¹¹.

Μοῦσαι δ' ἐννέα πᾶσαι ἀμειβόμεναι ὀπῑ καλῆ
θρήνεον: ἔνθα κεν οὔ τιν' ἀδάκρυτόν γ' ἐνόησας
Ἀργείων: τοῖον γὰρ ὑπόρορε Μοῦσα λίγεια.
As nove Musas, todas elas, entoaram com bela voz o treno
antifonal: não terias visto qualquer Aqueu que não chorasse,
de tal forma lhes comoveu o espírito a Musa de límpido canto¹².

William Smith revela que originalmente as Musas eram consideradas ninfas de fontes inspiradoras, onde eram adoradas sob diferentes nomes¹³.

⁸ HESÍODO. *Teogonia*, v.53-62 (Perseus). Tradução e introdução Christian Werner. São Paulo: Hedra, 2013.

⁹ HOMERO. *Ilíada*, canto I, v.1. Tradução F. Lourenço. São Paulo: Penguin/Companhia das Letras, 2013.

¹⁰ HOMERO. *Ilíada*, canto I, v.601-604. Tradução H. de Campos. São Paulo: Arx, 2002.

¹¹ HOMERO. *Ilíada*, canto II, v.761-762. Trad. Lourenço, 2013.

¹² HOMERO. *Odisseia*, canto XXIV, v.60-62. Tradução F. Lourenço. São Paulo: Penguin/Companhia das Letras, 2011.

¹³ SMITH, William (ed.). *A Dictionary of Greek and Roman biography and mythology*. v.2. London: John Murray printed by Spottiswoode and Co., New-Street Square and Parliament Street, 1849. Disponível em:

Existem várias versões sobre a origem e quantidade das Musas, visto que parece não haver consenso quanto a genealogia das deusas entre os gregos antigos. Smith apresenta a origem das deusas enquanto filhas de Pieros e uma ninfa Pimpleiana, a qual Cícero chamava de Antíope. Também menciona versões em que as Musas são filhas de Apolo, ou de Zeus com Plusia, ou ainda, de Zeus com Moneta (provavelmente uma tradução de Μνημοσύνη ou Μνήμη), na qual elas são chamadas de “Mnemonides”¹⁴. Ademais, existe a variante em que as Musas são consideradas filhas de Zeus com “Minerva”, e por fim, filhas de Éter e Gaia¹⁵.

Luis Krausz apresenta parte dos fragmentos de Álcman, na qual o poeta trata de duas genealogias das Musas¹⁶. Uma as identifica como filhas de Zeus, a outra como filhas de Urano e Gaia. Mimnermo e Aristarco também consideravam as Musas filhas de Urano e Gaia. Pausânias fala de duas tradições quanto aos nomes, quantidade e local de culto as Musas¹⁷. Pausânias atribui o Hélicon como local sagrado e nomeia três Musas: Μελέτην (“Prática”), Μνήμην (“Memória”) e Ἀοιδήν (“Canto”). Em seguida, fala de outra tradição em que as Musas são conhecidas enquanto nove.

ταῦτα μὲν δὴ ἔχοντά ἐστιν οὕτω, θῦσαι δὲ ἐν Ἑλικῶνι Μούσαις
πρώτους καὶ ἐπονομάσαι τὸ ὄρος ἱερὸν εἶναι Μουσῶν Ἐφιάλτην καὶ
Ἰῶτον λέγουσιν, οἰκίσαι δὲ αὐτοὺς καὶ Ἄσκληρον· καὶ δὴ καὶ Ἥγησίνου
ἐπὶ τῷδε ἐν τῇ Ἀτθίδι ἐποίησεν, “Ἄσκληρ δ’ αὖ παρέλεκτο Ποσειδάων
ἐνοσίχθων,

ἢ δὴ οἱ τέκε παῖδα περιπλομένων ἐνιαυτῶν
Οἴοκλον, ὃς πρῶτος μετ’ Ἀλωέος ἔκτισε παίδων
Ἄσκληρον, ἢ θ’ Ἑλικῶνος ἔχει πόδα πιδακόμεντα.

[2] [...] οἱ δὲ τοῦ Ἀλωέος παῖδες ἀριθμὸν τε Μούσας ἐνόμισαν εἶναι
τρεις καὶ ὀνόματα αὐταῖς ἔθεντο Μελέτην καὶ Μνήμην καὶ Ἀοιδήν.

[3] χρόνον δὲ ὕστερόν φασι Πίερον Μακεδόνα, ἀφ’ οὗ καὶ Μακεδόσιν
ὀνόμασται τὸ ὄρος, τοῦτον ἐλθόντα ἐς Θεσπιάς ἐννέα τε Μούσας
καταστήσασθαι καὶ τὰ ὀνόματα τὰ νῦν μεταθέσθαι σφίσι. ταῦτα δὲ

<http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.04.0104%3Aentry%3Dmusae-bio-1>. Acesso em: 27 out. 2019.

¹⁴ OVIDIO. *Metamorfoses*, livro 5 *apud* SMITH, 1849.

¹⁵ Sobre tais origens das Musas ver: Isid. Orig. 3.14, e Hygin. Fab. Praef. *apud* SMITH, 1849.

¹⁶ KRAUSZ, Luiz S. *As Musas: poesia e divindade na Grécia Arcaica*. São Paulo: Edusp, 2007.

¹⁷ Ver Pausânias livro 9, capítulo 29. Pausanias Description of Greece. Trad. W.H.S. Jones, Litt.D., and H.A. Ormerod, M.A. Cambridge, MA: Harvard University Press/London: William Heinemann Ltd., 1918.

ἐνόμιζεν οὕτως ὁ Πίερος ἢ σοφώτερα οἱ εἶναι φανέντα ἢ κατὰ τι μάντευμα ἢ παρὰ του διδαχθεῖς τῶν Θρακῶν

The first to sacrifice on Helicon to the Muses and to call the mountain sacred to the Muses were, they say, Ephialtes and Otus, who also founded Ascra. To this also Hegesinus alludes in his poem Atthis: — 'And again with Ascra lay Poseidon Earth-shaker, / Who when the year revolved bore him a son Oeoclus, / who first with the children of Aloeus founded / Ascra, which lies at the foot of Helicon, rich in springs.' [2] [...] The sons of Aloeus held that the Muses were three in number, and gave them the names of Melete (Practice), Mneme (Memory) and Aoede (Song). [3] But they say that afterwards Pierus, a Macedonian, after whom the mountain in Macedonia was named, came to Thespieae and established nine Muses, changing their names to the present ones. Pierus was of this opinion either because it seemed to him wiser, or because an oracle so ordered, or having so learned from one of the Thracians¹⁸.

Marcel Detienne comenta a versão das três Musas de Pausânias¹⁹. Cada deusa corresponderia a um aspecto essencial da função poética: a musa Μελέτην seria a disciplina, a concentração, a atenção e o exercício mental, características estas indispensáveis ao aprendizado do aedo. Μνήμην estaria relacionada à recitação e à improvisação. E por último, Ἀοιδήν seria o resultado das funções de suas irmãs, isto é, o poema terminado. Musaio (Museu) também afirmava existir duas gerações de Musas, as mais antigas do reinado de Cronos, em número de três, e as nove mais jovens do reinado de Zeus (Fig. 1)²⁰. Tal como salienta Krausz, “Considerá-las filhas de Urano e Gaia aponta para a antiguidade da crença nas Musas, enquanto vê-las como filhas de Zeus e da Memória aponta para sua importância no sentido do mundo estabelecido pelo filho de Cronos, que elas sempre estão prontas a comemorar”²¹.

¹⁸ PAUSÂNIAS. *Description of Greece*, livro 9, capítulo 29 (Perseus). Trad. Jones, 1918.

¹⁹ DETIENNE, Marcel. *Os mestres da verdade na Grécia Arcaica*. Tradução de Andréa Daher. Rio de Janeiro: Zahar, 1988, p.15-32.

²⁰ KRAUSZ, 2007.

²¹ KRAUSZ, 2007, p.157.



Figura 1. Escola de Praxíteles, séc. IV a.C. Baixo-relevo de pedestal em mármore, Acervo: Museu Arqueológico de Atenas²².

Como pôde ser visto, são vários os nomes atribuídos às Musas ao longo da história antiga. Smith apresenta algumas outras nomenclaturas dessas deusas, como *Πολυμάθεια*, nome de uma das três Musas reconhecidas em Sicião²³. Em Delfos (talvez durante um certo período de tempo), seus nomes correspondiam aos acordes *Νεάτη* (“mais baixo”), *Μέση* (“do meio”) e *Υπάτη* (“mais alto”) da lira.²⁴ Enquanto as três filhas de Apolo, seus nomes seriam *Κηφισώ* (“Cefiso”),

²² A imagem possibilita duas interpretações: a representação seria das três Musas titânicas *Μελέτην, Μνήμην e Αοιδήν*, ou uma representação de três das nove musas olímpicas. “Bas-relief d'un piédestal, en marbre, provenant de Mantinée en Arcadie. Il s'agissait du décor de la base d'un groupe statuaire de la trinité délienne Léto, Apollon et Artémis, ou d'un autel. La plaque présente trois des neuf muses tenant des instruments de musique et des rouleaux de parchemins. Les reliefs sont de style praxitélien et sont probablement l'œuvre d'un disciple du grand sculpteur.” Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:NAMA_3_Muses.jpg>. Acesso em: 25 nov. 2024. Disponível em: <https://mitographos.blogspot.com/2015/02/as-musas.html>. Acesso em: 25 nov. 2024.

²³ Plut. Sympos. 9.14 *apud* Smith, 1849.

²⁴ Plut. l.c. *apud* Smith, 1849.

Ἀπολλωνίς (“Apolonis”) e *Βορυσθενίς* (“Borístenes”)²⁵. Segundo Cícero, as quatro Musas filhas de Zeus e Plusia chamavam-se *Ἀρχή* (“Arché”), *Μελέτη* (“Melete”), *Ἀοιδή* (“Aoide”) e *Θελξινόη* (“Thelxinoe”)²⁶. *Ἀρχή* seria o princípio e a origem, tão procurados pelo canto do *aedo*, já *Θελξινόη* seria o encantamento exercido pela palavra cantada. Como as sete Musas filhas de Pieros, seus nomes seriam *Νειλώ* (“Neilos”), *Τριτώνη* (“Tritone”), *Ἀσωπώ* (“Asopos”), *Ἑπτάπορα* (“Heptapora”), *Ἀχελωίς* (“Aquelois”), *Τιποπλώ* (“Tipoplos”) e *Ροδία* (“Rhodia”).²⁷ Por fim, Smith menciona uma versão reconhecida em Atenas, na qual as Musas eram oito no total.²⁸ Por outro lado, Krausz aponta a teoria de Robert Graves, na qual uma única deusa estava na origem de todas as divindades femininas, uma Musa original, posteriormente dividida em três entidades que representavam os três aspectos da lua, que depois se dividiu em nove divindades.²⁹ Apesar dos vários nomes e quantidades atribuídos às Musas ao longo do tempo, a genealogia apresentada por Hesíodo parece ter sido a mais difundida na Grécia. Segundo o poeta, as nove Musas eram *Κλειώ*, *Εὐτέρπη*, *Θάλειά*, *Μελπομένη*, *Τερψιχόρη*, *Ἐρατώ*, *Πολύμνιά*, *Οὐρανίη* e *Καλλιόπη*³⁰.

ταῦτ' ἄρα Μοῦσαι ἄειδον, Ὀλύμπια δώματ' ἔχουσαι,
ἐννέα θυγατέρες μεγάλου Διὸς ἐκγεγαυῖαι,
Κλειώ τ' Εὐτέρπη τε Θάλειά τε Μελπομένη τε
Τερψιχόρη τ' Ἐρατώ τε Πολύμνιά τ' Οὐρανίη τε
Καλλιόπη θ': ἧ δὲ προφερεστάτη ἐστὶν ἀπασέων.
ἦ γὰρ καὶ βασιλεῦσιν ἅμ' αἰδοίοισιν ὀπηδεῖ.
Isso as Musas cantavam, que têm casas olímpias,
As nove filhas do grande Zeus geradas,
Glória, Aprazível, Festa, Cantarina,
Dançapraz, Saudosa, Muitacança, Celeste
E Belavoz: essa é a superior entre todas.
Pois essa também reis respeitados acompanha³¹.

²⁵ Tzetz. l.c.; Arnob. 3.37; Serv. ad Virg. Eclog. 7.21; Diod. 4.7 *apud* Smith, 1849.

²⁶ Cic., Arnob., Tzetz. ll. cc.; Serv. ad Aen. 1.12 *apud* Smith, 1849.

²⁷ Tzetz. Arnob. Ll. Cc *apud* Smith, 1849.

²⁸ Arnob. L.c.; Serv. Ad Aen. 1.12; Plat. De Re Publ. P. 116 *apud* Smith, 1849.

²⁹ KRAUSZ, 2007, p.107.

³⁰ HESÍODO. *Teogonia*, v.76-79. Em português: Calíope, Clío, Érato, Euterpe, Melpômene, Polímnia, Tália, Terpsícore e Urânia.

³¹ HESÍODO. *Teogonia*, v.75-80. Trad. Werner, 2013.

Na cultura grega antiga, as Musas estavam, geralmente, associadas ao mundo das artes. Na Teogonia de Hesíodo, cada uma das nove deusas possui o nome referente ao seu encargo. De forma simplificada, as Musas e suas funções são: Calíope musa da poesia, Clio da história, Polímnia dos hinos e da pantomima, Euterpe da flauta, Terpsícore da dança e da poesia ligeira, Érato da lírica coral, Melpômene da tragédia, Tália da comédia e Urânia da astronomia.

A partir do que sobreviveu das fontes literárias gregas, temos acesso a certos encargos atribuídos às Musas dentro da sociedade antiga. Enquanto filhas da Memória e de Zeus, resultado da união e mescla das entidades, as Musas seriam memória, mas não exclusivamente. Como relembra Jacyntho Brandão³², as Musas foram criadas para o esquecimento dos males e pausa das preocupações³³, seu traço fundamental então não seria lembrar, mas fazer esquecer e fazer cessar. Esse esquecimento não seria total, nem negação da memória, mas seletivo, entregando apenas os males ao esquecimento. Tal traço impõe limites à memória, já que se as Musas fossem apenas memória, sem pausa e esquecimento, poderiam ser entidades letais como as sereias. Sob essa perspectiva, devido ao seu pai Zeus, as deusas corresponderiam a uma memória organizada, dirigida, com limites impostos. As Musas consistiriam no resultado da mistura entre memória e não-memória, sendo a pausa e o esquecimento traços da herança de Zeus. Segundo JAA Torrano³⁴, a raiz do poder das Musas reside na possibilidade de decidir pela revelação ou pelo esquecimento, “porque este é o poder que configura o mundo e que em cada momento e em cada situação configura, portanto, todas as possibilidades de existência do homem no mundo assim configurado”³⁵.

Para além da memória e do esquecimento, as Musas exercem outras funções na religião grega. Marcel Detienne trabalha com um contexto de grande

³² BRANDÃO, Jacyntho L. *Antiga Musa: arqueologia da ficção*. 2. ed. Belo Horizonte: Relicário, 2015.

³³ HESÍODO. *Teogonia*, v.55.

³⁴ TORRANO, 2011.

³⁵ TORRANO, 2011, p.30.

prestígio para as deusas: o louvor dos grandes feitos³⁶. Nas sociedades antigas em que a proeza guerreira era intensamente valorizada, o poeta (através da sua ligação com as Musas) ocupava um papel de destaque por ser o responsável pelo louvor ou pela censura dos atos dos guerreiros. Detienne utiliza Esparta como exemplo de comunidade marcada pela cultura guerreira. Para o autor, na antiga Esparta as Musas eram de grande importância, pois eram duplamente honradas, “primeiro como protetoras dos flautistas, dos liristas e dos citaristas, já que a música faz parte da educação espartana e que as marchas e encargos militares se fazem ao som da flauta e da lira”³⁷. Segundo, as Musas também teriam sido cultuadas por guerreiros e reis, que ofereciam a elas sacrifícios para que seus atos e façanhas fossem dignos de serem celebrados e transformados em “memória ilustre”. Tomasz Mojsik é outro autor que levanta a discussão acerca dos cultos e sacrifícios realizados por reis espartanos em homenagem às Musas³⁸. Mojsik apresenta passagens de Plutarco nas quais pode-se confirmar o costume de reis espartanos realizarem sacrifícios dedicados às Musas antes de batalhas.

Torrano destaca outra esfera da personalidade das Musas³⁹, ligada à persuasão, sedução, beleza e ao apelo sexual. Em sua morada no Olimpo, as divindades iniciam o coro e a festa, acompanhadas das Χάριτές (“Graças”) e do Ἴμερος (“Desejo”), com suas vozes amáveis⁴⁰. O canto se inicia com o nome das Musas, sem a invocação a elas não seria possível o canto começar, pois as deusas encarnam no seu próprio nome, o nome é seu ser, e elas se pronunciam quando seu nome é falado. De acordo com Torrano, a força e a presença das deusas são o que assegura sentido, força, direção e presença ao canto, não são a voz, nem a

³⁶ DETIENNE, 1988.

³⁷ DETIENNE, 1988, p.19.

³⁸ Ver MOJSIK, Tomasz. *The Muses and Sacrifice before Battle*. In: BURLIGA, Bogdan (ed.). *Xenophon: Greece, Persia, and beyond*. Gdańsk University, 2011b, p.85-96. Ver também MOJSIK, Tomasz. *Some reflections on the Muses and the cult of the dead*. *Przegląd Humanistyczny*, n.2, 2013, p.80.

³⁹ TORRANO, 2011.

⁴⁰ HESÍODO. *Teogonia*, v.64-67.

habilidade humana do aedo, os responsáveis. Eric Havelock⁴¹ também apresenta tal lado da personalidade das Musas, destacando a relação da poesia com prazer, erotismo, desejo, sexualidade, sensações essas que remeteriam ao nome de cada musa.

A relação entre as Musas e os aedos/poetas na epopeia

Representantes das Musas no mundo humano, os aedos eram os responsáveis por colocar em prática o ofício das deusas. Para além da performance diante de uma plateia, em um período marcado pela tradição oral, jazia implícita sob a figura do aedo a preservação e a transmissão da memória dos gregos, assim como seus hábitos, costumes, cultos e mitos. É inegável a existência de uma conexão entre Musas e aedos. Para os antigos, o “saber” estava relacionado ao “ver”. Posto isto, as Musas possuíam conhecimento absoluto daquilo que já aconteceu ou que ainda acontecerá, pois viram e presenciaram tudo, enquanto os mortais possuíam conhecimento apenas daquilo que testemunharam⁴². Como as epopeias arcaicas retratam um passado longínquo e inalcançável, os aedos (e por meio deles, as Musas) se tornaram o único elo entre os gregos e seu passado. Ao receber o dom das Musas, o aedo era inspirado a cantar sobre deuses, heróis e fatos do passado e do presente.

Ao analisar a tradição poética homérica e hesiódica, é pertinente pensar na relação de dependência entre aedo e Musas. Dentro da concepção presente nos épicos homéricos e hesiódicos, o canto do aedo não existia sem o conhecimento

⁴¹ HAVELOCK, Eric. *Prefácio a Platão*. Tradução E. A. Dobránszky. Campinas: Papyrus, 1996.

⁴² HOMERO. *Ilíada*, canto II, v.484-493. “Dizei-me agora, ó Musas que no Olimpo tendes vossas moradas – / pois sois deusas, estais presentes e todas as coisas sabeis, / ao passo que a nós chega apenas a fama e nada sabemos –, / quem foram os comandantes dos Dânaos e seus reis. / A multidão eu não seria capaz de enumerar ou nomear, / nem que tivesse dez línguas, ou então dez bocas, / uma voz indefectível e um coração de bronze, / a não ser que vós, Musas Olímpias, filhas de Zeus detentor da égide, / me lembrásseis todos quantos vieram para debaixo de Ílion. / Enumerarei os comandantes das naus e a ordenação das naus”. Trad. Lourenço, 2013.

das deusas, e a palavra das Musas não existia no plano mortal sem a voz dos aedos. Os versos de invocação às filhas de Μνημοσύνη (Mnemosine) no início de cada canto, compõem uma marca poética e oral da tradição homérica. Tal marca adquiriu tamanha importância e acabou por se propagar para os cantores e poetas de períodos posteriores. Conforme assume Alexandre Moraes, o aedo acreditava que seu conhecimento era concedido pelas Musas. Deste modo, ele afastava de si o conhecimento e se fazia de interlocutor das deusas: “em alguns momentos o poeta parece se abster completamente de sua individualidade para creditar às Musas o real conhecimento do canto”⁴³. A conexão privilegiada com seres divinos era um dos elementos que concedia prestígio e respeito para os aedos em uma sociedade aristocrática que prezava grandes feitos e glória.

Hesíodo foi o primeiro poeta a narrar sua iniciação pelas Musas, entre os autores que temos conhecimento. Para Luis Krausz⁴⁴, o dom que Hesíodo recebeu era mágico e instantâneo. Antes mesmo de cantar, as Musas já lhe entregaram um cetro, confiando assim na vastidão de seu próprio poder, e dispensando qualquer preparação. Apenas o dom concedido por elas era o suficiente para transformar Hesíodo em um grande poeta. O papel de Hesíodo ao receber essa dádiva era quase que passivo, pois todo o episódio foi dirigido e ordenado pelas Musas. A imagem da iniciação distingue e separa o poeta das pessoas comuns que não receberam um dom das Musas ou de outro deus, e de outros poetas que não passaram por uma iniciação. Mojsik salienta que a iniciação os diferenciava de outros membros da sociedade, devido a sua habilidade em tocar, cantar e ter o dom da fala. Mas o dom mais importante era o conhecimento do passado, e o prestígio que permitia que o poeta tivesse autoridade para falar de passado, presente e futuro.

Atributos visuais e auditivos conferidos às Musas na literatura

⁴³ MORAES, 2009, p.115.

⁴⁴ KRAUSZ, 2007.

Era uma prática comum entre os autores dos períodos arcaico e clássico atribuir características aos deuses e a personagens na cultura e mitologia gregas. Esses atributos são expressos através de epítetos⁴⁵, adjetivos, elogios e descrições relacionados com a aparência física, comportamento, personalidade, ou ainda com adereços e objetos utilizados pelas divindades e outras personagens.

No que se refere às Musas, objeto de interesse do presente estudo, tal prática aparece com frequência considerável para se destacar. Algumas dessas características se repetem nas obras de um mesmo autor, enquanto outras parecem ultrapassar as fronteiras temporais e de “gênero literário” (epopeia, comédia, tragédia, lírica, odes, filosofia etc.). Em geral, são belas formas de complementar uma descrição ou uma menção. É um método que nos instiga a imaginar as divindades da maneira como os autores pensaram, ou como eram conhecidas na cultura da época. Seja com encantadores cabelos “violetas”, elegantes tiaras de ouro, ou em suas deslumbrantes carruagens, as Musas alcançam nossos pensamentos e fazem brilhar os olhos daqueles que se deparam com formas tão graciosas de se expressar.

Voz e canto

As características mais comumente atribuídas às Musas na literatura grega antiga relacionam-se com a voz ou com o canto. Os elogios feitos à voz das Musas variam entre termos gregos que podem ser traduzidos como “bela”, “límpida” e “doce” – sendo que, em geral, são utilizadas variações da raiz grega λῆγύ-. Nos poemas épicos – aqui representados pelos Hinos Homéricos e as obras de Homero e Hesíodo –, o termo grego mais frequentemente utilizado para caracterizar o canto é λῆγύς, que pode ser traduzido como algo próximo a um som

⁴⁵ Alguns epítetos não são de uso exclusivo de certo deus, e podem aparecer relacionados a outras divindades.

claro ou doce. Outros termos gregos também são utilizados para falar sobre a voz das Musas, tais como καλός e ἡδυεπής.

Ἦφαιστον κλυτόμητιν ἀείσειο, Μοῦσα λίγεια
Musa melodiosa, canta a Hefesto, de talento notável⁴⁶

μητέρα μοι πάντων τε θεῶν πάντων τ' ἀνθρώπων
ᾄμνει, Μοῦσα λίγεια, Διὸς θυγάτηρ μέγαλοιο,
ἧ κροτάλων τυπάνων τ' ἰαχὴ σύν τε βρόμος αὐλῶν
εὔαδεν ἠδὲ λύκων κλαγγὴ χαροπῶν τε λεόντων
οὔρεά τ' ἠχήμεντα καὶ ὑλήεντες ἔναυλοι.
καὶ σὺ μὲν οὕτω χαῖρε θεαί θ' ἅμα πᾶσαι ἀοιδῆ.
Canta, musa harmoniosa, filha do grande Zeus,
à Mãe de todos os deuses e de todos os homens,
à qual o ressoar do tambor e dos crótalos, com o vibrar da flauta,
apraz, e o uivo dos lobos e o rugir dos leões de olhares brilhantes,
como também as sonoras montanhas e os vales cobertos de bosques.
Desse modo, a tí saúdo, nesse canto, do mesmo modo que a todas [as
deusas juntamente⁴⁷.

Μοῦσαι δ' ἐννέα πᾶσαι ἀμειβόμεναι ὀπι καλῆ
Θρήνεο
As nove Musas, todas elas, entoaram com bela voz o treno /
antifonal⁴⁸.

θεαὶ δ' ἐξήρχον ἀοιδῆς
Μοῦσαι Πιερίδες, λιγὴ μελομένης ἐικυῖαι.
Also the goddesses, the Muses of Pieria were beginning a song like
clear-voiced singers⁴⁹.

νῦν δὲ γυναικῶν φῦλον ἀείσατε, ἡδυέπειαι
Μοῦσαι Ὀλυμπιάδες, κοῦραι Διὸς αἰγιόχοιο.
Agora cantai a tribo das mulheres, doce palavra
Musas do Olimpo, filhas de Zeus porta-égide⁵⁰.

Na Odisseia de Homero, encontramos λιγύς (ligus) utilizado para caracterizar a voz das Musas, a lira⁵¹ e a voz das Sereias:

ὅς τις ἀιδρεῖη πελάση καὶ φθόγγον ἀκούσῃ
Σειρήνων, τῷ δ' οὐ τι γυνὴ καὶ νήπια τέκνα

⁴⁶ *Hinos Homéricos*. Hino 20, v.1. RIBEIRO JR, W. A. (org.). Tradução, notas e estudo E. B. da Rosa, F. B. dos Santos, F. R. Marquetti, M. C. C. Dezotti, M. L. G. Massi, S. M. S. de Carvalho e W. A. Ribeiro Jr. São Paulo: UNESP, 2010.

⁴⁷ *Hinos Homéricos*. Hino 14, v.2 (Perseus). Trad. Rosa [et al.], 2010.

⁴⁸ HOMERO. *Odisseia*, canto XXIV, v.60-61. Trad. Lourenço, 2011.

⁴⁹ HESÍODO. *Escudo de Hércules*, v.205-206. TLG. EVELYN-WHITE, Hugh G. Hesiod, the Homeric hymns, and Homeric. Cambridge, Mass.: Harvard University Press/London: William Heinemann Ltd., 1914.

⁵⁰ HESÍODO. *Teogonia*, v.1021-1022. Trad. Werner, 2013.

⁵¹ HOMERO. *Ilíada*, canto IX, canto XVIII. *Odisseia*, canto VIII, canto XXII, canto XXIII.

οἴκαδε νοστήσαντι παρίσταται οὐδὲ γάννυται,
ἀλλὰ τε Σειρήνες λιγυρῆ θέλγουσιν ἀοιδῆ
ἦμεναι ἐν λειμῶνι, πολὺς δ' ἄμφ' ὀστεόφιν θῆς
ἀνδρῶν πυθομένων, περὶ δὲ ῥίνοι μινύθουσι.
Quem delas se acercar, insciente, e a voz das Sereias,
ao lado desse homem nunca a mulher e os filhos
estarão para se regozijarem com o seu regresso;
mas as Sereias o enfeitiçam com seu límpido canto,
sentadas num prado, e à sua volta estão amontoadas
ossadas de homens decompostos e suas peles marcescentes⁵².

ἀλλ' ὅτε τόσσον ἀπῆμεν ὅσον τε γέγωνε βοήσας,
ῥίμφα διώκοντες, τὰς δ' οὐ λάθην ὠκύαλος νηῦς
ἐγγύθεν ὀρτυμένη, λιγυρὴν δ' ἔντυνον ἀοιδῆν:
Quando estávamos à distância de alguém, gritando, se poder
fazer ouvir, a rápida nau navegando depressa não passou
despercebida às Sereias, que entoaram o seu límpido canto⁵³

Álcman utiliza *λίγα* (liga) e *λίγηα* (ligea) para se referir ao canto da Musa em seus fragmentos.⁵⁴ Em Platão, na obra *Fedro*,⁵⁵ *λίγεται* é utilizado para caracterizar o canto das deusas (“Musas de canto cristalino”). Em contraste com os autores mencionados acima, as caracterizações que descrevem a voz das Musas com adjetivos que possuem a raiz λιγύ- (“voz clara”) são raramente empregadas por Baquilides e Píndaro. Nas obras desses autores, é mais comum encontrar os adjetivos εὔφωνος (“de boa voz”), γλυκύς (“doce”), μελίφθογος (“voz doce ou de mel”) e μαλθακόφωνος (“voz suave”).

οὔτε δύσηρις ἐὼν οὔτ' ὦν φιλόνικος ἄγαν,
καὶ μέγαν ὄρκον ὁμόσσαις τοῦτό γέ οἱ σαφέως
μαρτυρήσω: μελίφθογοι δ' ἐπιτρέψοντι Μοῖσαι.
Though I am not prone to quarrel, and not overly fond of victory, I
would even swear a great oath, and on this point at least I will clearly
bear witness for him; and the honey-voiced Muses will give their
consent⁵⁶.

Já no período clássico, o poeta trágico Eurípides utiliza *ἡδύθροος* (“doce”) e *μελωδός* (“melodiosa”) para caracterizar a voz das Musas.

ἦκεις, ὦ ποταμοῦ παῖ,
ἦκεις, ἐπλάθης Φιλίου πρὸς αὐλὰν

⁵² HOMERO. *Odisseia*, canto XII, v.41-46. Trad. Lourenço, 2011.

⁵³ HOMERO. *Odisseia*, canto XII, v.181-183. Trad. Lourenço, 2011.

⁵⁴ ÁLCMAN. *Fragmento 28*, subfragmento 1 (*λίγ' ἀείσομα*); *Fragmento 14*, subfragmento a, v.1 (*λίγηα*).

⁵⁵ PLATÃO. *Fedro*, 237a, v.7.

⁵⁶ PÍNDARO. *Odes Olímpicas*, ode 6, v.19-21. Trad. Svarlien, 1990.

ἀσπαστός, ἐπεὶ σε χρόνῳ
Πιερίς μάτηρ ὅ τε καλλιγέφυ-
ρος ποταμὸς πορεύει
Στρυμῶν, ὅς ποτε τᾶς μελω-
δοῦ Μούσας δι' ἀκηράτων
δινηθεὶς ὑδροειδῆς κόλπῳν
σὰν ἐρύτευσεν ἦβαν.
σύ μοι Ζεὺς ὁ φαναῖος
ἦκεις διφρεύων βαλιαῖσι πῶλοις.
νῦν, ὦ πατρίς ὦ Φρυγία,
ξὺν θεῷ νῦν σοὶ τὸν ἐλευθέριον
Ζῆνα πάρεστιν εἰπεῖν.
Vens, ó filho do flúmen,
vens, bem-vindo ao âmbito
de Amigo, porque a tempo
te encaminham mãe Píeride
e o rio Estrímon de belas
pontes, o qual, no intacto
ventre da melodiosa Musa,
rodopioso, visível na água,
plantou a tua juventude.⁵⁷

Ainda relativo às musicalidades das deusas, outras caracterizações fazem referência à lira e à flauta. Nas Odes Píticas, Píndaro fala da *χρυσέα φόρμιγξ* (“lira dourada”) das deusas, e Aristófanes menciona as *εὐλυροί τε Μοῦσαι* (“Musas de belas liras”).

Χρυσέα φόρμιγξ, Ἀπόλλωνος καὶ ἰοπ'λοκάμων
σύνδικον Μοισᾶν κτέανον· τᾶς ἀκούει
μὲν βᾶσις ἀγ'λαῖας ἀρχά,
πείθονται δ' αἰοῖδοι σάμασιν
ἀγησιχόρων ὅποταν προοιμίων
ἀμβολὰς τεύχῃς ἐλελιζομένα.
Golden lyre, rightful joint possession of Apollo and the violet-haired
Muses, to which the dance-step listens, the beginning of splendid
festivity; and singers obey your notes, whenever, with your quivering
strings, you prepare to strike up chorus-leading preludes⁵⁸.

Βάτραχοι
εἰκότως γ' ὦ πολλὰ πράττων.
ἐμὲ γὰρ ἔστερξαν εὐλυροί τε Μοῦσαι
καὶ κεροβάτας Πᾶν ὁ καλαμόφθογγα παίζων·
προσεπιτέρπεται δ' ὁ φορμικτᾶς Ἀπόλλων,
ἔνεκα δόνακος, ὃν ὑπολύριον
ἔνυδρον ἐν λίμναις τρέφω.
βρεκεκεκεξὲξ κοᾶξ κοᾶξ.

⁵⁷ EURÍPIDES. *Reso*, v.346-359 (Perseus). Trad. Torrano, 2013.

⁵⁸ PÍNDARO. *Odes Píticas*, ode 1, v.1-4 (TLG). Trad. Svarlien, 1990.

Rãs (redobrando de intensidade no coaxar): E com muita honra, ouviste, ó tu que metes o bedelho onde não és chamado! Por isso gozo da estima das Musas de belas liras, e de Pã de pés de cabra, que se delicia com o toque da flauta. Mais ainda, sou os encantos de Apolo, o citarista, graças ao canavial que sustento, nos pântanos, para a construção da sua lira. Brekekekex, coax, coax!⁵⁹.

Em seus Epinícios, Baquílides escreve sobre as Musas invocarem o *γλυκεῖαν ἀλῶν καναχάν* (“doce som de flautas”). Sófocles, por sua vez, se refere às deusas como as *φιλαύλους μούσας* (“Musas que amam a flauta”).

Καλεῖ δὲ Μοῦσ' ἀθιγενῆς
γλυκεῖαν ἀλῶν καναχάν,
γεραίρουσ' ἐπινικίοις
Πανθείδα φίλον υἱόν.
The native Muse summons the sweet clang of flutes, honoring the dear son of Pantheides with victory songs.⁶⁰

παύεσκε μὲν γὰρ ἐνθέους
γυναῖκας εὐῖόν τε πῦρ,
φιλαύλους τ' ἠρέθιζε μούσας.
For he had sought to quell the god-inspired women and the Bacchanalian fire, and he angered the Muses who love the flute.⁶¹

Atributos visuais

Alguns autores utilizavam a aparência física das Musas para fazer suas caracterizações. Nas obras dos períodos arcaico e clássico, é possível encontrar descrições físicas das Musas que proporcionam ilustrações das imagens das deusas. No Hino Homérico aos Dióscuros, as Musas são retratadas com olhos brilhantes (*ἐλικώπιδες*).⁶² Em um trecho dos Epinícios, Baquílides utiliza a palavra *ιοβλεφάρων* para descrever as Musas, que pode ser traduzida como “de olhos violeta”.

ἄμφι Διὸς κούρους, ἐλικώπιδες ἔσπετε Μοῦσαι

⁵⁹ ARISTÓFANES. *As Rãs*, v.228-235. Trad. Silva, 2014.

⁶⁰ BAQUÍLIDES. *Epinícios*, ode 2, v.11-14. Trad. Svarlien, 1991.

⁶¹ SÓFOCLES. *Antígona*, v.963-965. SOPHOCLES. *The Oedipus at Colonus of Sophocles*. Edited with introduction and notes by Sir Richard Jebb. Cambridge: Cambridge University Press, 1889.

⁶² *Hinos Homéricos*, Hino 33, v.1.

Musas de vivo olhar, entoai vossos cantos aos filhos de Zeus⁶³

Δόξαν, ὃ χρυσαλάκατοι Χάρι[τ]ες, πει-
σίμβροτον δοίητ', ἐπεὶ
Μουσᾶν γε ἰοβλεφάρων θεῖος προφ[άτ]ας
εὐτυκος Φλειοῦντά τε καὶ Νεμειαίου
Ζηνὸς εὐθαλὲς πέδον
ὑμνεῖν, ὅθι μηλοδαΐκταν
θρέψεν ἅ λευκώλε[νο]ς
Ἥρα περι[κλει]τῶν ἀέθλων
πρῶτον [Ἡ]ρ[α]κλεῖ βαρύφθογγον λέοντα.

Graces with golden distaffs, give fame, which moves the minds of men; for the divinely inspired prophet of the violet-eyed Muses is ready to sing the praises of Phlius and the flourishing plain of Nemean Zeus, where white-armed Hera reared the sheep-slaughtering, deep-voiced lion, the first of Heracles' far-famed labors.⁶⁴

A menção de adereços também é uma forma recorrente de caracterização das Musas. Os adereços utilizados na cabeça ou no cabelo são os mais frequentemente mencionados. O uso de uma coroa ou tiara dourada (*χρυσάμπυξ*) aparece em autores diferentes, em períodos distintos e distantes no tempo, tais como Hesíodo, Teógnis, Simônides, Píndaro e Baquílides.⁶⁵ Píndaro fala de *χρυσέα κόμας ἀναδήσαντες* (“cabelos com ramos de louro dourado”). Já Teógnis, Simônides e Baquílides mencionam *ἰοστέφανος* (“coroas violeta” ou “de violetas”), e *ἰοπλόκαμος* (“cabelos entrelaçados de violetas”).

μνημοσύνης δ' ἐξαῦτις ἐράσσατο καλλικόμοιο,
ἐξ ἧς οἱ Μοῦσαι χρυσάμπυκες ἐξεγένοντο
ἐννέα, τῆσιν ἄδον θαλίαι καὶ τέρψις ἀοιδῆς.
Por Memória então se enamorou, a bela-coma,
e dela as Musas faixa-dourada lhe nasceram,
nove, às quais agradam as festas e o gozo do canto.⁶⁶

Μοῖσα δ' οὐκ ἀποδαμεῖ
τρόποις ἐπὶ σφετέροισι: παντᾶ, δὲ χοροὶ παρθένων
λυρᾶν τε βοαὶ καναχαί τ' αὐλῶν δονέονται:
δάφνα τε χρυσέα κόμας ἀναδήσαντες εἰλαπινάζουσιν εὐφρόνως.

⁶³ *Hinos Homéricos*, hino 33, v.1. Trad. Rosa [et al.], 2010.

⁶⁴ BAQUÍLIDES. *Epinícios*, ode 9, v.1-9. Trad. Svarlien, 1991.

⁶⁵ HESÍODO. *Teogonia*, v.916. PÍNDARO. *Odes Ístmicas*, de 2, v.1. BAQUÍLIDES. *Epinícios*, ode 5, v.13.

⁶⁶ HESÍODO. *Teogonia*, v.915-917. “Por Memória então se enamorou, a bela-coma, / e dela as Musas faixa-dourada lhe nasceram, / nove, às quais agradam as festas e o gozo do canto”. Trad. Werner, 2013.

The Muse is not absent from their customs; all around swirl the dances of girls, the lyre«s loud chords and the cries of flutes. They wreath their hair with golden laurel branches and revel joyfully.⁶⁷

Τοὶ δὲ πόλι]ν πέρσαντες ἀοίδιμον [οἴκαδ' ἵ]κοντο
φέρτατοι ἦρ[ώων ἀγέμαχοι Δαναοί[,
οἷσιν ἐπ' ἀθά]νατον κέχεται κλέος ἀν[δρὸς] ἔκητι
ὄς παρ' ἰοπ]λοκάμων δέξατο Πιερίδ[ων
πᾶσαν ἀλη]θείην, καὶ ἐπώνυμον ὄπ]λοτέρ]οισιν
ποίησ' ἡμ]ιθέων ὠκύμορον γενεή[ν.

Então, após queimar a cidade nutriz de canções, à casa voltam
Dânaos que lutam lado a lado
sobre eles recai a fama imortal graças ao homem
que das Musas da Piéria, cabelos entrelaçados de violetas
recebeu toda a verdade, e guardou o nome da raça de breve vida
dos semideuses às gerações vindouras.⁶⁸

εὔμοιρε Συρακοσίων
ἵπποδινήτων στραταγέ,
γνώσει μὲν ἰοστεφάνων
Μοισᾶν γλυκύδωρον ἄγαλμα, τῶν γε νῦν
αἴ τις ἐπιχθονίων,
ὀρθῶς

Fortunate in your fate, commander of the Syracusans, riders of
whirling horses: you, if any man on earth today, will rightly
understand this honor, sweet gift of the violet-garlanded Muses.⁶⁹

Píndaro e Baquílides são os autores que utilizam o recurso ilustrativo com maior frequência para descrever atributos visuais das Musas. O mais comum é encontrarmos representações que fazem alguma referência ao que seria à cor e/ou à flor “violeta” (ἰό-). Como pode ser visto acima, Baquílides parece falar de “olhos violeta” em um trecho de *Epinícios*.⁷⁰ As Musas são também descritas com ἰόπλοκος (“cabelos violeta”) em duas passagens de Píndaro e em uma de Baquílides.⁷¹ Além desses dois poetas, os autores Simônides e Teógnis descrevem as Musas com termos que são normalmente traduzidos como

⁶⁷ PÍNDARO. *Odes Píticas*, ode 10, v.37-40. Trad. Svarlien, 1990.

⁶⁸ SIMÔNIDES. *Fragmento 11*, v.14-18. BROSE, Robert. Os fragmentos atenienses de Simônides: Um estudo das fontes epigráficas anteriores a 480 a. C. (Dissertação de Mestrado em Letras). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2007.

⁶⁹ BAQUÍLIDES. *Epinícios*, ode 5, v.1-6. Trad. Svarlien, 1991.

⁷⁰ BAQUÍLIDES. *Epinícios*, ode 9, v.3.

⁷¹ PÍNDARO. *Odes Ístmicas*, ode 7, v.23; *Odes Píticas*, ode 1, v.2. BAQUÍLIDES. *Epinícios*, ode 3, v.71.

referências à cor “violeta”. Simônides e Teógnis descrevem as Musas com “coroas violeta:

Ὅσο[ι] <γε> μὲν Ἑλλάδ' ἔχουσιν, [ο]ὔτι[ς,
ὃ μεγαίνητε Ἴέρων, θελήσει
[φάμ]εν σέο πλείονα χρυ-
σὸν [Λοξί]α πέμψαι βροτῶν.
ἼΕὺ λέγειν πάρεστιν ὅσ[τις]
[μ]ὴ φθόνῳ πιαίνεται,
[□□]λη φίλιππον ἄνδρ' ἀ[ρ]ήϊ-
ον [-]ίου σκᾶπτρ[ο]ν Διὸ[ς]
[ιοπλό]κων τε μέρος[ς] ἔχοντ]α Μουσᾶν·
[□-]μαλέαι ποτ[έ -□]. ἴων
[□-]νος ἐφάμερον α[□-□].
[-□]α σκοπεῖς· βραχ[ύς] ἐστὶν αἰών·]
ἴπτε, ῥόεσσα δ' ἐλπίς ὑπ[□□- ἴν]όημα,
[ἐφαμ]ερίων

And of all mortal men who live in Greece, not one, o greatly-praised Hieron, will be willing to say that he has sent more gold than you to Loxias. Every man who does not fatten himself with envy may praise a ... warlike man, a lover of horses, who has the scepter of ... Zeus, and a share of the violet-haired Muses. ... once ... ephemeral ... you consider; [life is] brief. But winged hope loosens the wits of ephemeral creatures⁷²

αἱ οἱ ἐπ' ἀνθρώπους ὄνομα κλυτὸν ἀγλαάν τε νίκαν
θεοῦ θ' ἔκατι θῆκαν ἰοστεφάνων τε Μοισᾶν.
the which have bestowed upon his men name and fame and splendid
victory by aid of the God and the violet-crowned Muses.⁷³

καὶ ὅταν δνοφερῆς ὑπὸ κεύθεσι γαίης
βῆς πολυκωκύτους εἰς Ἄϊδαο δόμους,
οὐδέποτ' οὐδὲ θανάων ἀπολεῖς κλέος, ἀλλὰ μελήσεις
ἄφθιτον ἀνθρώποις αἰὲν ἔχων ὄνομα,
Κύρνε, καθ' Ἑλλάδα γῆν στρωφώμενος ἠδ' ἀνὰ νήσους,
ἰχθυόεντα περῶν πόντον ἐπ' ἀτρύγετον,
οὐχ ἵππων νότοισιν ἐφήμενος, ἀλλὰ σε πέμψει
ἀγλαὰ Μουσάων δῶρα ἰοστεφάνων
πᾶσιν ὅσοισι μέμηλε, καὶ ἐσσομένοισιν αἰοιδῆ
ἔσση ὁμῶς, ὄφρ' ἧ γῆ τε καὶ ἠέλιος.

And when thou comest to go down to the lamentable house of Hades in the depths of the gloomy earth, never, albeit thou be dead, shalt thou lose thy fame, but men will think of thee as one of immortal name, Cynus, who rangeth the land of Greece and the isles thereof — crossing the fishy unharvestable deep not upon horseback mounted⁶⁴ but sped of the glorious gifts of the violet-crownad Muses unto all that

⁷² BAQUÍLIDES. *Epitímios*, ode 3, v.63-76. Trad. Svarlien, 1991.

⁷³ SIMŌNIDES. *Epigrammata*, livro 13, epigrama 28, v.11-12. Trad. Edmonds, 1934.

care to receive thee; and living as they thou shalt be a song unto posterity so long as Earth and Sun abide.⁷⁴

Além de elementos associados às flores e/ou à cor “violeta”, também é possível encontrar ilustrações das Musas que envolvem ouro ou a cor dourada. Na *Teogonia*, Hesíodo utiliza *χρυσοστέφανον* (“coroa de ouro” ou “filete de ouro”) para falar das Musas:

μνημοσύνης δ' ἐξαὔτις ἐράσσατο καλλικόμοιο,
ἐξ ἧς οἱ Μοῦσαι χρυσάμπυκες ἐξεγένοντο
ἐννέα, τῆσιν ἄδον θαλίαι καὶ τέρψις ἀοιδῆς.
Por Memória então se enamorou, a bela-coma,
e dela as Musas faixa-dourada lhe nasceram,
nove, às quais agradam as festas e o gozo do canto⁷⁵

No *Hino Homérico a Afrodite*, *χρυσοστέφανον* aparece para se referir à deusa do amor:

αἰδοίην, χρυσοστέφανον, καλὴν Ἀφροδίτην
ἄσομαι, ἢ πάσης Κύπρου κρήδεμνα λέλογγεν
εἰναλίης.
Cantarei a bela Afrodite de coroa de ouro,
Deusa veneranda que se tornou Senhora de todos os adornos de Chipre, que fica junto ao mar.⁷⁶

Píndaro apresenta uma caracterização semelhante: nas *Odes Ístmicas* o poeta fala das *χρυσσαμπύκων* (“tiaras douradas”) das Musas. A mesma descrição aparece nas *Odes Píticas*, e nos *Epinícios* de Baquílides para descrever a musa Urânia.

οἱ μὲν πάλαι, ᾧ Θρασύβουλε, φῶτες, οἱ χρυσσαμπύκων
ἐς δίφρον Μοισᾶν ἔβαινον κλυτᾷ φόρμιγγι συναντόμενοι,
ρίμφα παιδείους ἐτόξευον μελιγάρυας ὕμνους,
ὅστις ἐὼν καλὸς εἶχεν Ἀφροδίτας
εὐθρόνου μνάστειραν ἀδίستان ὀπώραν.
The men of old, Thrasybulus, who mounted the chariot of the Muses
with their golden headbands, joining the glorious lyre, lightly shot
forth their honey-voiced songs for young men, if one was handsome
and had the sweetest ripeness that brings to mind Aphrodite on her
lovely throne.⁷⁷

ἢ σὺν Χαρίτεσσι βαθυζώνοις ὑφάνας

⁷⁴ TEÓGNIS. *Elegias*, livro I, v.244-252. Trad. Edmonds, 1931.

⁷⁵ HESÍODO. *Teogonia*, v.915-917. Trad. Werner, 2013.

⁷⁶ *Hinos Homéricos*, hino 6, v.1-3. Trad. Rosa [et al.], 2010.

⁷⁷ PÍNDARO. *Odes Ístmicas*, ode 2, v.1-5. Trad. Svarlien, 1990.

ῥμνον ἀπὸ ζαθέας
νάσου ξένος ὑμετέραν πέμ-
πει κλεεννὰν ἐς πόλιν,
χρυσάμπυκος Οὐρανίας κλει-
νὸς θεράπων

a hymn, woven with the help of the deep-waisted Graces, is sent from the holy island¹ to your glorious city by your guest-friend, the brilliant servant of Ourania with her golden headband.⁷⁸

Por fim, nas *Odes Ístmicas*, Píndaro se refere à Musa χρυσέαν (“dourada”).

τῷ καὶ ἐγὼ, καίπερ ἀχ' νύμενος
θυμόν, αἰτέομαι χρυσέαν καλέσαι
Μοῖσαν.

Therefore I too, though grieving in my heart, am asked to invoke the golden Muse.⁷⁹

Nos *Epinícios* de Baquíledes, a musa Calíope é ilustrada com λευκώλενε (“braços alvos”). Tal descrição também é dada por Empédocles à “Musa” (não particularmente a Calíope):

λευκώλενε Καλλιόπα,
στᾶσον εὐποίητον ἄρμα
αὐτοῦ:

White-armed Calliope, stop your well-made chariot right there.⁸⁰

ἀλλὰ θεοὶ τῶν μὲν μανίην ἀποτρέψατε γλώσσης,
ἐκ δ' ὀσίων στομάτων καθαρὴν ὀχετεύσατε πηγὴν
καὶ σέ, πολυμνήστη λευκώλενε παρθένε Μοῦσα,
ἄντομαι, ὧν θέμις ἐστὶν ἐφημερίοισιν ἀκούειν,
πέμπε παρ' Εὐσεβίης ἐλάουσ' εὐήνιον ἄρμα.
Mas deuses, desviai a loucura de minha língua,
e de bocas sagradas fazei confluir uma fonte pura,
e a ti, Musa atraente, virgem de braços cândidos,
rogo, do que é justo aos efêmeros ouvir,
enviares por Piedade o carro de rédeas dóceis.⁸¹

Outra ilustração que parece ser utilizada apenas por Píndaro e Baquíledes está relacionada à ἄρμα ou δίφρος (“carruagem”) das Musas. Píndaro fala sobre a carruagem das deusas em duas de suas *Odes Ístmicas*, e em um momento das *Odes Olímpicas*. Em uma passagem das *Odes Píticas*, Píndaro descreve a

⁷⁸ BAQUÍLIDES. *Epinícios*, ode 5, v.9-14. Trad. Svarlien, 1991.

⁷⁹ PÍNDARO. *Odes Ístmicas*, ode 8 v.5-6. Trad. Svarlien, 1990.

⁸⁰ BAQUÍLIDES. *Epinícios*, ode 5, v.176. Trad. Svarlien, 1991.

⁸¹ EMPÉDOCLES. *Fragmento 3*, v.8. Fragmentos e Testemunhos, parte 1. Tradutores Jean-Claude Picot, Xavier Gheerbrant, Fernando Santoro. *Anais de Filosofia Clássica*, v.6, n.11, 2012.

carruagem das deusas com quatro cavalos.⁸² Baquíledes fala da carruagem de Calíope em um trecho dos *Epinícios*.

εἶην εὐρησιεπῆς ἀναγεῖσθαι
πρόσφορος ἐν Μοισᾶν δίφρω:
τόλμα δὲ καὶ ἀμφιλαφῆς δύναμις
ἔσποιτο.

May I be a suitable finder of words as I move onward in the Muses' chariot; may boldness and all-embracing power attend me.⁸³

πέποιθα ξενία προσανείθωρακος, ὅσπερ ἐμὴν ποιπνύων χάριν
τόδ' ἔζευξεν ἄρμα Πιερίδων τετράορον,
φιλέων φιλέοντ', ἄγων ἄγοντα προφρόνως.

I trust in the gentle friendship of Thorax; he made busy efforts for my sake, and yoked this four-horse chariot of the Pierian Muses, a friend for a friend, going gladly arm in arm.⁸⁴

λευκώλενε Καλλιόπα,
στᾶσον εὐποίητον ἄρμα
αὐτοῦ

White-armed Calliope, stop your well-made chariot right there⁸⁵

Ainda que Aristófanos mencione as Musas várias vezes ao longo de suas obras, o autor não apresenta descrições das deusas, seja da voz, da dança ou de características físicas/visuais. O mais próximo de uma caracterização aparece em *As Rãs*, na qual o autor fala das Musas “de bela lira”. Mesmo nesse caso, a descrição se refere a um adereço das deusas, e não trata de um atributo físico que faça parte delas. Platão, por sua vez, apresenta descrições apenas sobre o canto e a voz das Musas.

ἐμὲ γὰρ ἔστερξαν εὐλυροί τε Μοῦσαι
καὶ κεροβάτας Πᾶν ὁ καλαμόφθογγα παίζων:
Por isso gozo da estima das Musas de belas liras, e de Pã de pés de cabra, que se delicia com o toque da flauta.⁸⁶

ΣΩ. Ἄγετε δὴ, ὦ Μοῦσαι, εἴτε δι' ᾠδῆς εἶδος λίγεια,
εἴτε διὰ γένος μουσικὸν τὸ Λιγύων ταύτην ἔσχετ' ἐπωνυμίαν
Sócrates: invoco-vos, Musas de canto cristalino, quer este epíteto vos venha da suavidade do vosso canto, quer da vocação musical do povo lígio⁸⁷

⁸² PÍNDARO. *Odes Ístmicas*, ode 2, v.2 (δίφρον); ode 8, v.61 (ἄρμα). *Odes Olímpicas*, ode 9, v.81. *Odes Píticas*, ode 10, v.65.

⁸³ PÍNDARO. *Odes Olímpicas*, ode 9, v.80-83. Trad. Svarlien, 1990.

⁸⁴ PÍNDARO. *Odes Píticas*, ode 10, v.64-66. Trad. Svarlien, 1990.

⁸⁵ BAQUÍLIDES. *Epinícios*, ode 5, v.176-178. Trad. Svarlien, 1991.

⁸⁶ ARISTÓFANES. *As Rãs*, v.229-230. Trad. Silva, 2014.

Por fim, pontuo aqui caracterizações ou atributos das Musas que aparecem apenas uma vez em certa obra ou autor, sendo mais exceção do que regra. Em suas odes, Píndaro descreve a Musa como πότνια (“rainha”),⁸⁸ e fala da deusa com *ἀδύπνοος* (“respiração doce”).⁸⁹ Nos *Epinílios* de Baquíledes, encontramos a ilustração das Musas utilizando *φοινικοκραδέμνοις* (“véus carmesim”).⁹⁰ Na tragédia *Reso*, Eurípides fala da Musa *ἀκηράτων κόλπων* (“de ventre virgem”), da *ὑμνοποιῶ θεᾶς Μούσης* (“deusa Musa que faz hinos”), e da Musa que tem *σοφοῖς τιμὰς* (“honra entre os sábios”).⁹¹ Nas comédias de Aristófanes, o autor menciona a Musa *κομψοπρεπῆ* (“engenhosa”), a *Μῶα Λάκαινα* (“Musa espartana”), e a *Μοῦσα λοχμαία* (“Musa dos bosques/rústica”).⁹² Em Platão, encontramos a *μούση φιλοσόφω* (“musa filosófica”), e a descrição do amor belo e celestial da musa Urânia, e do amor popular da musa Polimínia.⁹³

Variações nas características visuais e auditivas atribuídas às Musas

Nas menções às Musas apresentadas anteriormente, em vários trechos o nome das deusas é seguido por algum tipo de atributo, seja físico, em relação aos seus dons, ou ainda sobre algum adereço que ilustre a imagem das divindades. Ao analisar as aparições das Musas nos poemas homéricos, Penelope Murray trabalha com a perspectiva da presença incorpórea das deusas.⁹⁴ Para Murray, as Musas possuem pouca existência física nas epopeias homéricas, aparecendo em

⁸⁷ PLATÃO. *Fedro*, seção 237a. PLATÃO. *Fedro ou da Beleza*. Tradução e Notas de Pinharanda Gomes. Lisboa: Guimarães Editores, 2000.

⁸⁸ PINDARO. *Odes Nemeias*, ode 3, v.1.

⁸⁹ PINDARO. *Odes Olímpicas*, ode 13, v.22.

⁹⁰ BAQUÍLIDES. *Epinílios*, ode 13, v.189.

⁹¹ EURÍPIDES. *Reso*, versos 352, 652 e 891, respectivamente.

⁹² ARISTÓFANES. *As Nuvens*, v.1030; *Lisístrata*, v.1298; *As Aves*, v.737, respectivamente.

⁹³ PLATÃO. *Filebo*, seção 67b; *O Banquete*, 187d-e, respectivamente.

⁹⁴ MURRAY, Penelope. *The Muses: creativity personified?* In: STAFFORD, Emma; HERRIN, Judith. *Personification in the Greek World: From Antiquity to Byzantium*. London/New York: Routledge, 2017, p.147-160.

forma física apenas uma vez para Tâmiris na *Ilíada*. As Musas também são mencionadas lamentando no funeral de Aquiles, episódio que destaca a voz das deusas capazes de comover todos os argivos e fazê-los chorar, mas nada é falado sobre a aparência das deusas. Nas invocações de Homero as Musas, há pouco senso de “personificação”, já que não é mencionada aparência ou quaisquer atributos das Musas. Murray traz o pensamento de Rosemary Harriott,⁹⁵ que discorre sobre a diferença entre Homero e autores posteriores quanto à presença de descrições ou atributos visuais referentes às Musas. Segundo Harriott, quando a Musa é invocada, ela pode ser honrada com seus títulos ou com uma descrição complementar. Ainda que o propósito do poeta ou da obra não seja informativo, encontramos descrições que ilustram a imagem das deusas. Nos casos em que a descrição é fortemente visual, é razoável assumir que o poeta tem uma imagem mental da Musa. Em Homero parece não existir preocupação em descrever precisamente a aparência das deusas, visto que nos episódios em que o *aedo* anuncia a presença delas, nada é dito a respeito da imagem, fisionomia, formas, trajes ou outros aspectos visuais das Musas.

Na *Teogonia*, Hesíodo fornece descrições e atributos físicos e/ou visuais das Musas. Logo no início da obra, o poeta faz um relato imagético das deusas no monte Hélicon, onde dançam com pés macios de forma adorável, e cantam com uma linda voz.

μουσάων Ἑλικωνιάδων ἀρχώμεθ' αἰεΐδειν,
αἴθ' Ἑλικῶνος ἔχουσιν ὄρος μέγα τε ζαθέον τε
καί τε περὶ κρήνην ἰοειδέα πόσσ' ἀπαλοῖσιν
ὄρχεῦνται καὶ βωμὸν ἐρισθενέος Κρονίωνος.
καί τε λοεσσάμεναι τέρενα χροά Περμησσοῖο
ἢ Ἴππου κρήνης ἢ Ὀλμειοῦ ζαθέοιο
ἀκροτάτῳ Ἑλικῶνι χοροῦς ἐνεποιήσαντο
καλούς, ἱμερόεντας: ἐπερρώσαντο δὲ ποσσίν.
Pel as Musas do Hélicon comecemos a cantar,
elas que o Hélicon ocupam, monte grande, numinoso,
em volta de fonte violácea com pés macios
dançam, e do altar do mui possante filho de Crono;
tendo a pele delicada no Permesseo banhado,
na fonte do Cavalo ou no Olmeio numinoso,

⁹⁵ MURRAY, 2017, p.151.

no cimo do Hélicon compõem danças corais
belas, desejáveis, e fluem com os pés.⁹⁶

Murray destaca que nas descrições hesiódicas das Musas, em especial na passagem em que é narrado o nascimento das deusas,⁹⁷ as Musas são totalmente antropomorfizadas. “They are presented as the archetypal female chorus, with much emphasis on the loveliness of their voices and the sound of their feet as they dance”,⁹⁸ as Musas são retratadas de forma virginal, com grande beleza, e associadas à natureza.

Como foi visto, nas epopeias do período arcaico, a maioria das caracterizações das Musas se baseia em quesitos relacionados à voz ou dança, como os pés dançantes das deusas descritos por Hesíodo. Já em autores posteriores, principalmente Píndaro e Baquílides, a descrição das Musas aparece de forma mais visual, dando-lhes atributos físicos como olhos e cabelos de cor violeta (e/ou associados às flores chamadas “violetas” de diferentes maneiras, assim como acessórios dourados e tiaras. Píndaro e Baquílides chegam a falar das Musas utilizando carruagem. Parece ser mais fácil construir a imagem visual e aparência detalhada das Musas a partir dos textos posteriores ao período arcaico (ou que datam do final dele), do que na literatura arcaica propriamente. Vale lembrar que existem exceções, como Teógnis e Simônides, e alguns trechos dos Hinos Homéricos e de Hesíodo, já citados acima. Além disso, os autores mais tardios não deixaram de falar dos aspectos vocais e dançantes das Musas. Entretanto, o que se observa a partir do exame realizado neste estudo, é que tais autores parecem ter acrescentado ou enfatizado outras descrições visuais, que podem ter possibilitado a construção mais detalhada e/ou vívida de imagens visuais das Musas.

As representações iconográficas das Musas na antiguidade podem ser encontradas em cerâmica, estátuas em pedra ou bronze, estatuetas em pedra,

⁹⁶ HESÍODO. *Teogonia*, v.1-8 (Perseus). Trad. Werner, 2013.

⁹⁷ HESÍODO. *Teogonia*, v.60-80.

⁹⁸ MURRAY, 2017, p.152.

bronze ou terracota, estelas funerárias, moedas, mosaicos e murais.⁹⁹ O presente estudo tem como foco fontes iconográficas produzidas na Grécia e em Roma, entre os séculos VI a.C. e II d.C.

A partir de diversas análises da iconografia das Musas ao longo dos séculos realizadas por diferentes pesquisadores contemporâneos, foi possível notar alguns atributos e símbolos dedicados a cada musa. Entre os símbolos mais conhecidos e frequentes, podemos listar para cada deusa: Calíope – pergaminho e tábua para escrita; Clio – rolo de pergaminho e tábuas para a escrita; Érato – lira; Euterpe – flauta; Melpômene – máscara de tragédia, bastão, faca e botas de couro (tradicionalmente utilizadas por atores trágicos); Polímnia – geralmente representada em uma posição pensativa ou meditativa; Terpsícore – lira; Tália – máscara cômica e cajado de pastor; Urânia – globo terrestre, compasso e vestes azul ou com estrelas. Tais atributos, contudo, são variáveis, podendo ou não aparecer nas representações das deusas. Outros símbolos também podem ser encontrados na iconografia, mas com menor recorrência ou expressividade.

Na imagem abaixo (Fig. 2), podemos ver uma representação das Musas com seus devidos atributos em um sarcófago romano em relevo, datado do século II d.C. A peça foi encontrada em 1698 sob as ruínas de um vinhedo, perto da Via Ostiense (Roma).

⁹⁹ CARDERARO DOS SANTOS, Lidiane Carolina. A arte das Musas! Uma introdução às relações entre música e mito na Grécia Antiga. *Classica - revista brasileira de estudos clássicos*, v.34, p.173-185, 2021. Disponível em: <https://revista.classica.org.br/classica/issue/view/49>. Acesso em: 13 nov. 2024.



Figura 2. Artista desconhecido, “Sarcófago das Musas”, séc. II d.C. Relevo em Mármore, Acervo: Museu do Louvre, Paris¹⁰⁰.

O painel superior retrata uma cena de banquete em que, provavelmente, um dos personagens represente o falecido. Já no painel inferior estão representadas as nove Musas,¹⁰¹ da esquerda para a direita, com os seguintes atributos (ou ausência deles):

1. Calíope lendo um rolo de papiro ou pergaminho;
2. Tália segurando uma máscara cômica;
3. Terpsícore sem atributos;
4. Euterpe segurando um aulo;
5. Políminia sem atributos;
6. Clio segurando uma tabuinha;
7. Erato segurando uma cítara;
8. Urânia com um globo aos seus pés;
9. Melpômene usando uma máscara trágica.

¹⁰⁰ RIBEIRO JR., Wilson A. *O relevo das musas*. Portal Graecia Antiqua, São Carlos. Disponível em: greciantiga.org/img.asp?num=0346. Acesso em: 13 nov. 2024.

¹⁰¹ “Acreditava-se, desde o século -IV, que a prática das letras e da filosofia, i.e., o constante relacionamento com as musas, assegurava a saúde da alma e facilitava a passagem para o outro mundo. Essas ideias tiveram grande influência na arte funerária romana entre os séculos II e IV”. RIBEIRO JR. Disponível em: greciantiga.org/img.asp?num=0346. Acesso em: 13 nov. 2024.

Representações visuais das Musas não eram inexistentes no período arcaico. Desde a poesia épica, já existia a intenção de antropomorfizar as Musas, como quando Hesíodo fala das deusas dançando com seus pés macios. Também existe a representação das Musas de forma antropomórfica na iconografia do período arcaico. A título de exemplo, podemos ver a antropomorfização das Musas e de outros deuses no chamado “dinos de Sophilos”: trata-se de um recipiente de vinho feito de cerâmica, com decoração de figura negra, datado aproximadamente em 580 - 570 a.C., que é atribuído à oficina do ateniense Sophilos e que atualmente se encontra no Museu Britânico em Londres (Fig. 3 e 4). Nesse vaso arcaico, é ilustrado a cena das Musas e de outros deuses dirigindo-se para o casamento de Peleus e Tétis.

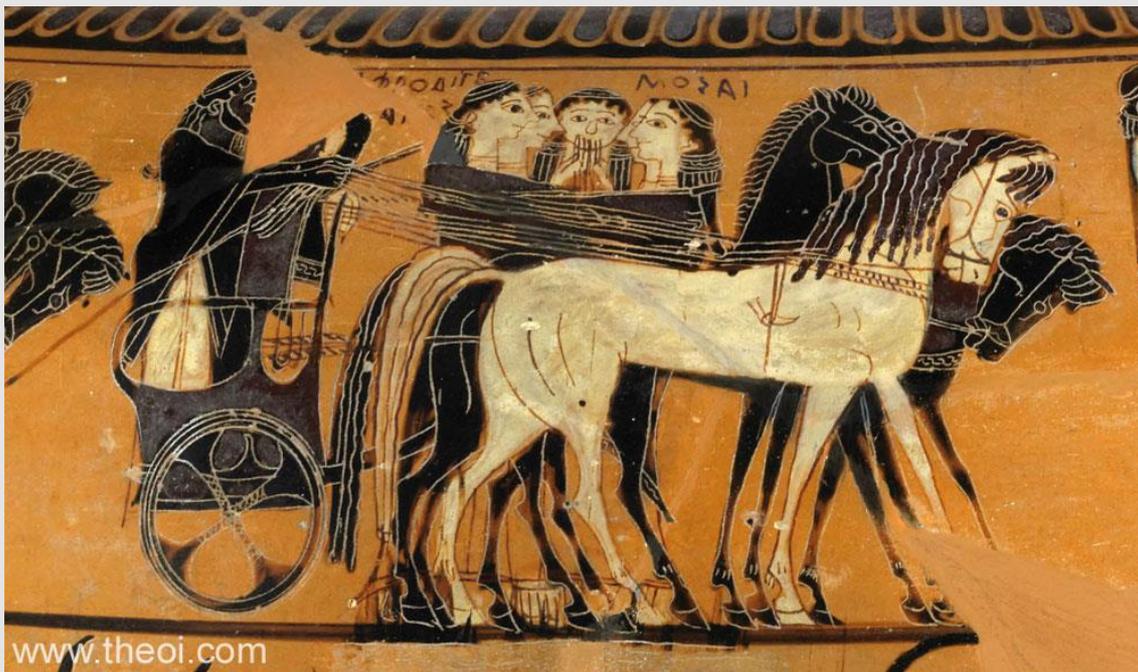


Figura 3. Assinado por Sophilos, “Ares, Afrodite e as Musas”, séc. VI a.C. Cerâmica de figuras negras, Acervo: Museu Britânico, Londres¹⁰².

¹⁰² Disponível em: <<https://www.theoi.com/Gallery/K20.11A.html>>. Acesso em: 14 set. 2020.



Figura 4. Assinado por Sophilos, “Hermes, Apolo e as Musas”, séc. VI a.C. Cerâmica de figuras negras, Acervo: Museu Britânico, Londres¹⁰³.

As figuras acima ilustram lados diferentes do mesmo vaso. Na Figura 1, vemos a imagem de Ares, Afrodite e cinco Musas. A terceira Musa deste grupo, posicionada entre suas irmãs, parece estar tocando um conjunto de flautas, além de ser a única figura voltada para a frente na pintura. Na Figura 2, os deuses Hermes e Apolo cavalgam em uma carruagem puxada por quatro cavalos, Hermes segurando as rédeas e Apolo uma lira. Três (ou possivelmente quatro) Musas caminham ao lado da carruagem, ligeiramente a frente dos deuses.

Ainda que o vaso seja do período arcaico e ilustre as Musas, o que permite pensar que já existia a intenção de representar as deusas através de imagens nesse período, a representação mostrada é de Musas muito parecidas umas com as outras. Não parece existir nenhum atributo específico ou algum aspecto diferencial que faça distinção das Musas entre si (excetuando a Musa que toca a flauta), ou em relação com outras deusas, ou até mesmo com mulheres mortais. Na literatura do período clássico, encontramos descrições mais visuais, como a

¹⁰³ Disponível em: <<https://www.theoi.com/Gallery/K20.11B.html>>. Acesso em: 14 set. 2020.

cor “violeta” dos cabelos e olhos, mas é pertinente pensar que essas descrições também aparecem para falar de outras deusas ou mulheres.

Entre as representações iconográficas das Musas, é possível destacar suas aparições relacionadas ao mito de Tâmiris, um poeta ou aedo trácio conhecido por ter desafiado as Musas, afirmando ser superior as deusas e disposto a provar suas habilidades, e assim cometendo a *hybris*. Porém, ao perder a contenda, acabou castigado pelas deusas, cego, sem voz para o canto e sem saber tocar a cítara. A primeira menção a Tâmiris ocorre na *Íliada* de Homero (II.591-600), na qual é relatado o desafio entre poeta e deusas. A contenda também é retratada na peça *Thamyras* de Sófocles, possivelmente encenada em 460 a.C.¹⁰⁴. O motivo e o castigo de Tâmiris podem ser interpretados de duas formas. A primeira defende que o poeta desafia as Musas por acreditar que suas habilidades são mérito próprio, de forma que seu canto e seu conhecimento da arte da cítara tenham sido adquiridos sem a influência das deusas e, com isso, o Tâmiris não deva nada a elas.

οἱ δὲ Πύλον τ' ἐνέμοντο καὶ Ἀρήνην ἐρατεινὴν
καὶ Θρύον Ἀλφειοῖο πόρον καὶ εὐκτιτον Αἰπὸν
καὶ Κυπαρισσῆεντα καὶ Ἀμφιγένειαν ἔναιον
καὶ Πτελεὸν καὶ Ἔλος καὶ Δώριον, ἐνθά τε Μοῦσαι
ἀντόμεναι Θάμυριν τὸν Θρήϊκα παῦσαν ἀοιδῆς
Οἰχαλίηθεν ἰόντα παρ' Εὐρύτου Οἰχαλιῆος:
στεῦτο γὰρ εὐχόμενος νικησέμεν εἴ περ ἂν αὐταὶ
Μοῦσαι ἀεῖδοιεν κοῦραι Διὸς αἰγιόχοιο:
αἱ δὲ χολωσάμεναι πηρὸν θέσαν, αὐτὰρ ἀοιδὴν
εσπεσίην ἀφέλοντο καὶ ἐκλέλαθον κιθαριστύν:
Os que habitavam Pilos e a agradável Arena,
Tríon, travessia do Alfeu, e o bem fundado Épi;
eles que habitavam Cíparisseis e Anfigeneia,
Ptéleo e Helo e Dórion, lá onde as Musas
encontraram Tâmiris, o Trácio, e o canto lhe calaram,
vindo da Ecália, de casa de Êurito, o Ecálio –
pois ufanara-se ele de as vencer, se contra ele cantassem
as Musas, filhas de Zeus detentor da égide;

¹⁰⁴ CARDERARO DOS SANTOS, Lidiane Carolina. *Do encanto à hybris: Representações de seres mitológicos com atributo musical na pintura de vasos gregos*. (Dissertação de Mestrado em Estudos Clássicos). Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2015. Disponível em <<https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/30849>>. Acesso em: 13 nov. 2024.

mas elas na sua cólera o estropiaram e lhe tiraram
o canto sortílego, fazendo esquecer a arte da lira¹⁰⁵.

Já a outra interpretação presume que Tâmiris é castigado não por acreditar que seu exercício de aedo poderia ser feito sem total auxílio das Musas. Ele não nega a necessidade da influência da deusa: seu castigo veio por se proclamar superior a elas. O episódio de Tâmiris serve de exemplo tanto para que os aedos endossem e prestem as devidas reverências às Musas, quanto para os mortais que devem sempre respeitar e temer os deuses. Segundo o Luis Krausz, era comum em cerâmicas do século V a.C. a representação de competições poéticas nos santuários das Musas¹⁰⁶. A mais antiga de que se tem conhecimento é uma hídria de 470 a.C., analisada por Jean Marcadé (Fig. 5, 6, 7 e 8).

¹⁰⁵ HOMERO. *Iliada*, canto II, verso 591-600. Trad. Lourenço, 2013.

¹⁰⁶ KRAUSZ, 2007, p.149-151.

De acordo com Marcadé, a contenda entre Tâmiris e as Musas é representada em um santuário das deusas, o que pode ser indicado pelas imagens da palmeira, pelo altar com volutas e pela coluna com um tripé, além dos três monumentos esquemáticos às Musas, chamados xoana, ao fundo. O santuário seria a céu aberto, possivelmente no Hélicon, contudo, também pode ser interpretado como um santuário de Apolo. Observa-se ainda a presença de um troféu, destinado ao vencedor da disputa. Na cerâmica, uma das cenas mais retratadas do desafio de Tâmiris é o exato momento da competição em que o



poeta se encontra entre as deusas tocando seu instrumento. Uma dessas representações pode ser vista no fragmento de píxide que se encontra no Museu Nacional de Atenas, datado de 425 a 375 a.C. (Fig. 9 e 10).

Figura 5. Hídria de figuras vermelhas, 470 a.C.¹⁰⁷

Figura 6. Hídria de figuras vermelhas, 470 a.C.¹⁰⁸



¹⁰⁷ MARCADÉ, Jean. Une représentation précoce de Thamyris et les Muses dans la céramique attique a figures rouges. *Révue Archéologique*, 1982, p.224-225.

¹⁰⁸ MARCADÉ, 1982, p.224-225.

Figura 7. Hídria de figuras vermelhas, 470 a.C.¹⁰⁹

Figura 8. Hídria de figuras vermelhas, 470 a.C.¹¹⁰



Figura 9. À maneira do pintor de Mídias, séc. V e IV a.C. Píxide de figuras vermelhas, Acervo: Museu Nacional de Atenas¹¹¹.

¹⁰⁹ MARCADÉ, 1982, p.224-225.

¹¹⁰ MARCADÉ, 1982, p.224-225.

¹¹¹ CARDERARO DOS SANTOS, 2015, p.CLXXXIII.



Figura 10. À maneira do pintor de Mídias, séc. V e IV a.C. Píxide de figuras vermelhas, Acervo: Museu Nacional de Atenas (detalhe).

Segundo a análise de Lidiane Carderaro dos Santos, no canto esquerdo pode-se ver Musaio segurando uma harpa e Apolo, logo abaixo, com uma coroa de louros. As quatro figuras femininas no centro da peça são as Musas, em pé a esquerda uma Musa segura um manto sobre seus ombros, abaixo outra Musa sentada com um rolo de papiro aberto nas mãos, a terceira Musa está sentada com uma coroa de louros na mão esquerda, e a última Musa está com uma lira nas mãos¹¹². No canto direito encontra-se Tâmiris, sentado com uma cítara na mão esquerda e o plectron na mão direita, vestindo um chitonisco (chiton curto). De acordo com José Roberto de Paiva Gome, a expressão facial de Tâmiris revela espanto, podendo ser interpretada como o reconhecimento do poeta de sua derrota¹¹³. Outro momento da contenda é retratado em uma hídria de figuras vermelhas, datada entre 475 e 425 a.C., presente no Museu Ashmolean de Oxford (Fig. 11).

¹¹² CARDERARO DOS SANTOS, 2015, p.198.

¹¹³ PAIVA GOMES, José Roberto de. A inter-relação entre Arqueologia e História e a construção de um discurso imagético. *NEARCO - Revista Eletrônica de Antiguidade e Medievo*, v.14, n.1, 2022, p.62.



Figura 11. Grupo de Polignoto, séc V a.C. Hidria de figuras vermelhas. Acervo: Ashmolean Museum, Oxford¹¹⁴.

De acordo com a análise apresentada José Roberto de Paiva Gome¹¹⁵, a cena retrata o momento da derrota de Tâmiris, em que o poeta em um gesto típico atribuído ao derrotado em competições musicais, joga ao chão seu instrumento, uma cítara trácia. À esquerda de Tâmiris está sua mãe Argíope, com as mãos levadas à cabeça, em sinal de lamento pelo destino e punição do filho. Já à direita vê-se uma Musa voltada para Tâmiris, trazendo na mão uma lira de sete cordas. Em uma hídria datada de 475 a 425 a.C. e atribuída ao Pintor da Fiale, hoje encontrada no Museo Gregoriano Etrusco Vaticano, encontra-se mais uma representação da disputa (Fig. 12).

¹¹⁴ CARDERARO DOS SANTOS, 2015, p.CLXVI.

¹¹⁵ PAIVA GOMES, 2022, p.65.



Figura 12. Pintor da Fiale, 475-425 a.C. Hidria de figuras vermelhas. Acervo: Museu Gregoriano Etrusco, Vaticano¹¹⁶.

Na hídria temos a representação de duas Musas à esquerda, de Tâmiris no centro e de sua mãe, Argíope, à direita. Carderaro dos Santos assinala as vestimentas trácias de Tâmiris, enquanto segura em gesto de execução uma cítara trácia ou lira na mão esquerda e o plectron na mão direita. Já Argíope de cabelos brancos e com uma coroa de louros na mão direita, aparece estar coroando seu filho, o que nos leva a acreditar que o momento representado antecede a competição¹¹⁷. Krausz, por sua vez, destaca na hídria as três xoana no alto, ao fundo, que seria a representação do templo das Musas. Para além das representações de mitos, as Musas também aparecem sozinhas na iconografia antiga, como pode ser visto abaixo (Fig. 13 e 14).

¹¹⁶ CARDERARO DOS SANTOS, 2015, p.CLXVII.

¹¹⁷ CARDERARO DOS SANTOS, 2015, p.77.



Figura 13. Pintor de Hesíodo, “Musa afinando duas cítaras”, 470 – 460 a.C. Cálice ático de figuras vermelhas e fundo branco, Acervo: Museu do Louvre, Paris¹¹⁸.

¹¹⁸ RIBEIRO JR., Wilson A. Musa afinando duas cítaras. Portal Graecia Antiqua, São Carlos. URL: greeciantiga.org/img.asp?num=0848. Acesso em: 23 nov. 2024.



Figura 14. Pintor de Aquiles, “Musa com cítara”, 440 – 430 a.C. Lécyto ático de figuras vermelhas e fundo branco, Acervo: Coleções Estatais de Antiguidades, Munique¹¹⁹.

Considerações finais

A presente pesquisa procurou contribuir para a compreensão histórica das Musas, figuras tão icônicas da cultura grega antiga. Para tal, foram abordados diferentes aspectos que envolvem a representação dessas divindades, incluindo seus nomes, as funções a elas atribuídas, suas descrições e atributos característicos, além das variações mitológicas presentes em suas narrativas. O principal resultado deste estudo reside na consciência de que as Musas foram

¹¹⁹ “Uma das musas, sentada ao pé do Monte Hélikon, toca a cítara. A posição do corpo e dos dedos da mão esquerda sugerem que uma melodia está em execução. As inscrições estão visíveis: na parte inferior direita da figura, ΕΙΚΟΝ, ‘Hélicon’; na parte superior esquerda, ΑΞΕΙΟΠΙΕΙΘΗΣ ΚΑΛΟΣ ΑΛΚΙΜΑΧΟ, ‘Axiopites, filho de Alcímaco, é bonito’”. RIBEIRO JR., Wilson A. Musa com cítara. Portal Graecia Antiqua, São Carlos. URL: greciantiga.org/img.asp?num=0205. Acesso em: 23 nov. 2024.

concebidas de maneira plural, dinâmica e variável na cultura grega antiga, em vista da diversidade detectável nas invocações e caracterizações das Musas em obras literárias e iconográficas entre os séculos IV a.C. e II d.C.

Tendo em vista tantos dados, obras, fragmentos, citações e caracterizações; o que pode ser inferido quando pensamos na representação das Musas? Primeiro, é possível afirmar que as Musas estão presentes em parte significativa da literatura grega arcaica e clássica. Segundo, as Musas recebem representações iconográficas, descrições e características que refletem a prática antropomórfica presente na cultura da época. E terceiro, é possível pensar que tais descrições mudam com o passar do tempo e com a mudança do cenário literário e artístico.

Ao comparar as caracterizações atribuídas às Musas nas fontes citadas neste trabalho, nota-se que não só a frequência de aparição das caracterizações aumenta de acordo com o passar do tempo, como também a variação das características. Como já foi assinalado, nas obras literárias arcaicas as caracterizações e descrições das Musas (salvo algumas exceções) ou referem-se a esfera do canto, ou são inexistentes. Já na transição entre os períodos arcaico e clássico, as caracterizações surgem com maior frequência e variedade, englobando atributos visuais e auditivos. Mas é no período clássico que nos deparamos com o maior número de descrições e representações das Musas em obras literárias.

Um dos aspectos mais notórios da religião e mitologia gregas repousa em sua dimensão inclusiva de todas as variantes de uma mesma história. Isto é, um único deus ou herói, ou neste caso as Musas, podem ter diferentes mitos de origem, genealogias distintas, e variações nas histórias. Ainda assim, nenhuma versão exclui outra; nenhuma história é mais verdadeira ou falsa do que outra. As Musas são filhas de Zeus e da Memória, mas também podem ser filhas de Urano e Gaia. Podem ter nascido na Pieria, ou ter origem na Trácia. Pode ter sido uma única Musa detentora de todos os saberes relacionados às artes e à memória, ou

nove irmãs que dividiam os aspectos das artes entre si, ou ainda, três irmãs que refletiam as fases da lua. Elas podem ter sido as deusas responsáveis por todo o saber dos fatos da história do mundo, ou aparecer apenas para inspirar o canto e as habilidades instrumentais dos poetas, aedos e rapsodos. Podem também ter tido seu lugar em Delfos como deusas da divinação ao lado de Apolo, ou ainda, serem relacionadas ao ensino nas escolas da Grécia Clássica. Por fim, podem ter se tornado um arquétipo de divindades inspiradoras, concedendo aos pensadores gregos a liberdade de utilizarem as Musas da forma que melhor fosse conveniente. Essa ou aquela história, esse ou aquele mito, não se anulam ou se contradizem. Não empobrecem a imagem das deusas, nem as tornam menos confiáveis ou relevantes. Tal pluralidade na forma de enxergar seus mitos consiste em uma fração da beleza que integra a cultura grega. Estudar a mitologia grega é entrar em um mundo de infinitas possibilidades, de belezas adversas, de criatividade sem limites.

A presença das Musas em obras literárias e iconográficas que transcendem séculos é um dos aspectos que revelam a constância das deusas no imaginário e na cultura dos gregos. O encontro entre deuses e mortais é mostrado como algo raro e especial, mas nem por isso os aedos e poetas deixam de narrar seu encontro com as Musas e a sua iniciação no mundo das artes. Também não deixam de invocar as deusas para pedir-lhes o dom do canto, ou agradecer os dons recebidos delas.

Preservando seu lugar de deusas das artes, as Musas se transformaram e adequaram àquilo que demandava a sociedade grega (ou os setores da sociedade aos quais remetem as obras literárias consideradas nesse estudo). Eternas companheiras dos aedos, poetas e escritores, as Musas foram imortalizadas no imaginário da sociedade ocidental.

Recebido em: 24/12/24 - Aceito em: 03/02/25

Referências bibliográficas

Edições e traduções das fontes

Álcman

EDMONDS, John Maxwell. *Lyra Graeca: Being the remains of all the Greek lyric poets from Eumelus to Timotheus excepting Pindar*. London: William Heinemann, 1922. v.1. Disponível em: <https://www.theoi.com/Text/LyraGraeca1B.html>. Acesso em: 15 jul. 2020.

LOURENÇO, F. (org.) *Poesia Grega de Álcman a Teócrito*. Lisboa: Livraria Cotovia, 2006.

Aristófanes

ARISTÓFANES. *A greve do sexo Lisístrata*. Trad. Millôr Fernandes. Organização da coleção Ana Mariza Filipouski. Porto Alegre: LePM, 2003.

ARISTÓFANES. *As Rãs*. Trad. Silva, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316.2/31788>. Acesso em: 09 maio 2018.

ARISTÓFANES. *As Vespas, As Aves, As Rãs*. Tradução do grego e apresentação Mário da Gama Kury. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2004. Disponível em: <https://historiagam.files.wordpress.com/2012/08/as-nuvenus-aristc3b3fanes1.pdf>. Acesso em: 11 mar. 20.

ARISTÓFANES. *Rãs*. Tradução do grego, introdução e notas Maria de Fátima Silva. São Paulo: Annablume editora/Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014. Disponível em: <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/livro/rãs>. Acesso em: 09 maio 2018.

ARISTOPHANES. *Clouds. The Comedies of Aristophanes*. William James Hickie. London: Bohn, 1853.

ARISTOPHANES. *The Complete Greek Drama*. Trans. Eugene O'Neill Jr. New York: Random House, 1938. v.2.

Aristophanes with the English Translation of Benjamin Bickley Rogers. v.1. London: William Heinemann, 1926.

Aristóteles

ARISTOTLE. Art of Rhetoric. Translated by J. H. Freese. v.22. Cambridge: Harvard University Press/London: William Heinemann Ltd., 1926.

Arquíloco

RIBEIRO JR., W.A. Arquíloco: Seleção de fragmentos. São Carlos: Portal Graecia Antiqua. Disponível em: <https://greciantiga.org/arquivo.asp?num=0285>. Acesso em: 28 jul. 2020.

Baquílides

BACCHYLIDES. Odes. Trad. Diane Arnson Svarlien, 1991. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.01.0064>. Acesso em: 06 jul. 2018.

BACCHYLIDES. The Poems and Fragments. Edited with introduction, notes, and prose translation by Sir Richard C. Jebb. Cambridge: University Press, 1905.

BAQUÍLIDES. Odes e Fragmentos. Tradução do grego, introdução e comentário Carlos A. Martins de Jesus. São Paulo: Annablume editora/Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014. Disponível em: https://digitalis.uc.pt/pt-pt/livro/odes_e_fragmentos. Acesso em: 29 jun. 2020.

Empédocles

EMPEDOCLES. Fragments and Commentary. Ed. and trans. Arthur Fairbanks. London: K. Paul, Trench, Trubner, 1898, p.157-234.

EMPÉDOCLES. Fragmentos e Testemunhos, parte 1. Tradutores Jean-Claude Picot, Xavier Gheerbrant, Fernando Santoro. Anais de Filosofia Clássica, v.6, n.11, 2012.

The fragments of Empedocles. Translated into english verse by William Ellery

Ésquilo

AESCHYLUS. English translation by Herbert Weir Smyth. v.1. Cambridge: Harvard University Press, 1926.

Estesícoro

EDMONDS, John Maxwell. *Lyra Graeca: Being the remains of all the Greek lyric poets from Eumelus to Timotheus excepting Pindar.* v.2. London: William Heinemann, 1922. Disponível em: <https://www.theoi.com/Text/LyraGraeca1B.html>. Acesso em: 15 jul. 2020.

The remains of Stesichorus. Trans. Edward Thomas F. Bromhead. M.A, Camb. - F.R.S. Lond. and Edinb, 1849.

Eurípides

EURIPIDES. English translation by David Kovacs. Cambridge: Harvard University Press, 1994.

EURIPIDES. *The Complete Greek Drama.* Edited by Whitney J. Oates and Eugene O'Neill, Jr. v.1. New York. Random House, 1938.

EURIPIDES. *The Plays of Euripides.* Translated by E. P. Coleridge. v.I. London: George Bell and Sons, 1891.

EURIPIDES. *The Tragedies of Euripides.* Translated by T. A. Buckley. London: Henry G. Bohn, 1850.

SAIS, Lilian Amadei. *Reso, de Eurípides.* (Dissertação de Mestrado em Letras). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2010.

TORRANO, JAA. *A Tragédia Reso de Eurípides.* Fragmentum, v.1, n.38, Laboratório Corpus: UFSM, jul./set. 2013.

TORRANO, Jaa. *As Fenícias, de Eurípides.* Codex – Revista de Estudos Clássicos, Rio de Janeiro, v.4, n.2, p.112-181, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/CODEX/article/view/5346>. Acesso em: 05 mar. 2020.

Hesíodo

HESÍODO. Teogonia. Tradução e introdução Christian Werner. São Paulo: Hedra, 2013.

HESÍODO. Teogonia: a origem dos deuses. Estudo e tradução JAA Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2011.

HESÍODO. Trabalhos e dias. Organização e tradução por C. Werner. São Paulo: Hedra, 2013.

EVELYN-WHITE, Hugh G. Hesiod, the Homeric hymns, and Homeric. Cambridge, Mass.: Harvard University Press/London: William Heinemann Ltd., 1914.

Hinos Homéricos

Hinos homéricos. RIBEIRO JR, W. A. (org.). Tradução, notas e estudo E. B. da Rosa, F. B. dos Santos, F. R. Marquetti, M. C. C. Dezotti, M. L. G. Massi, S. M. S. de Carvalho e W. A. Ribeiro Jr. São Paulo: UNESP, 2010.

Homero

HOMERO. Ilíada. Tradução F. Lourenço. São Paulo: Penguin/Companhia das Letras, 2013.

HOMERO. Ilíada. Tradução H. de Campos. São Paulo: Arx, 2002.

HOMERO. Odisseia. Tradução F. Lourenço. São Paulo: Penguin/Companhia das Letras, 2011.

HOMER. The Iliad. English Translation by A.T. Murray. Cambridge, MA.: Harvard University Press/London: William Heinemann Ltd., 1924.

HOMER. The Odyssey. English Translation by A.T. Murray. Cambridge, MA.: Harvard University Press/London: William Heinemann Ltd., 1919.

Íbico

EDMONDS, John Maxwell. Lyra Graeca: Being the remains of all the Greek lyric poets from Eumelus to Timotheus excepting Pindar. v.2. London: William Heinemann, 1922. Disponível em: <https://www.theoi.com/Text/LyraGraeca1B.html>. Acesso em: 15 jul. 2020.

Pausânias

PAUSANIAS. Pausanias Description of Greece. Trad. W.H.S. Jones, Litt.D., and H.A. Ormerod, M.A. Cambridge, MA: Harvard University Press/London: William Heinemann Ltd., 1918.

Píndaro

PINDAR. Odes. Trad. Diane Arnson Svarlien, 1990. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.01.0162>. Acesso em: 06 jul. 2018.

PINDAR. Pythian 4. Trans. Steven J. Willett, 2001. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.01.0223>. Acesso em: 06 jul. 2018.

PÍNDARO. Epinícios e Fragmentos. Introdução, tradução e notas Roosevelt Rocha. Curitiba: Kottter Editorial, 2018.

Platão

MOTA, Marcus. Performance e inteligibilidade: traduzindo Íon, de Platão. Annablume Clássica, 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10316.2/24562>. Acesso em: 18 mar. 2020.

PLATÃO. A República. Organização Daniel Alves Machado. Brasília: Editora Kiron, 2012.

PLATÃO. Fedro ou da Beleza. Tradução e Notas de Pinharanda Gomes. Lisboa: Guimarães Editores, 2000.

Safo

SAFO. Fragmentos completos. Trad. Guilherme G. Flores. São Paulo: Editora 34, 2020

Simônides

BROSE, Robert. Os fragmentos atenienses de Simônides: Um estudo das fontes epigráficas anteriores a 480 a. C. (Dissertação de Mestrado em Letras). São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2007.

EDMONDS, John Maxwell. *Lyra Graeca: Being the remains of all the Greek lyric poets from Eumelus to Timotheus excepting Pindar.* v.2. London: William Heinemann, 1922. Disponível em: <https://www.theoi.com/Text/LyraGraeca1B.html>. Acesso em: 15 jul. 2020.

Sófocles

SOPHOCLES. *The Oedipus at Colonus of Sophocles.* Edited with introduction and notes by Sir Richard Jebb. Cambridge: Cambridge University Press, 1889.

Sólon

ANHALT, Emily Katz. *Solon the Singer: Politics and Poetics.* Lanham, MD: Rowman and Littlefield, 1993.

Timóteo

FEARN, David. Lyric reception and sophistic literarity in Timotheus' *Persae*. In: CURRIE, B. G. F. and RUTHERFORD, I. C., (eds.) *The Reception of Greek Lyric Poetry 600BC-400AD: Transmission, Canonization, and Paratext.* Proceedings of the Network for the Study of Archaic and Classical Greek Song. Leiden: Brill, 2015, p.1-39.

Estudos e comentários

AZEVEDO, Aline. Herança das Musas: música, memória e esquecimento. In: VIEIRA, Elisa Maria Amorim. *Sobre imagens, memórias e esquecimentos.* v.2. Belo Horizonte: FALE/UFGM, 2016, p.125-139.

BOEDEKER, Deborah. Heroic Historiography: Simonides and Herodotus on Plataea. In: BOEDEKER, Deborah; SIDER, David. *The New Simonides: Contexts of Praise and Desire.* New York: Oxford University Press, 2001, p.120-134.

BOEDEKER, Deborah. Paths to Heroization at Plataea. In: BOEDEKER, Deborah; SIDER, David. *The New Simonides: Contexts of Praise and Desire*. New York: Oxford University Press, 2001, p.148-163.

BRANDÃO, J. L. A Musa e Homero. *Organon*, Porto Alegre, n.27, p.15–28, jul./dez. 1999. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/organon/article/viewFile/30399/18838>. Acesso em: 20 ago. 2016.

BRANDÃO, Jacyntho L. A poesia como diegese. *Organon*, Porto Alegre, n.49, p.31-58, jul/dez. 2010.

BRANDÃO, Jacyntho L. *Antiga Musa: arqueologia da ficção*. 2. ed. Belo Horizonte: Relicário, 2015.

BREMMER, Jan N. The theriomorphism of the major Greek gods. In: KINDT, J. (org.) *Animals in ancient Greek religion*. Londres: Routledge, 2020, p.102-125.

CALAME, Claude. Metaphorical travel and ritual performance in epinician poetry. In: AGÓCS, Peter; CAREY, Chris; RAWLES, Richard. *Reading the Victory Ode*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012, p.303-320.

CARDERARO DOS SANTOS, Lidiane Carolina. A arte das Musas! Uma introdução às relações entre música e mito na Grécia Antiga. *Classica - revista brasileira de estudos clássicos*, v.34, p.173-185, 2021. Disponível em <<https://revista.classica.org.br/classica/issue/view/49>>. Acesso em: 13 nov. 2024.

CARDERARO DOS SANTOS, Lidiane Carolina. *Do encanto à hybris: Representações de seres mitológicos com atributo musical na pintura de vasos gregos*. (Dissertação de Mestrado em Estudos Clássicos). Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2015. Disponível em <<https://estudogeral.uc.pt/handle/10316/30849>>. Acesso em: 13 nov. 2024.

CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988.

CORRÊA, Paula da Cunha. Harmonia: Mito e Música na Grécia Antiga. *Kléos*, n.2/3, p.174-217, 1998/1999.

DABDAB TRABULSI, José Antonio. *Dionisismo, poder e sociedade na Grécia até o fim da época clássica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

DETIENNE, Marcel. Os mestres da verdade na Grécia Arcaica. Tradução de Andréa Daher. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

ECKERMAN, Christopher C. Was Epinician Poetry Performed at Panhellenic Sanctuaries? *Greek, Roman, and Byzantine Studies*, n.52, p.338–360, 2012.

FINLEY, Moses. O mundo de Ulisses. Tradução Armando Cerqueira. Lisboa: Editorial Presença, 1982.

GABRECHT, Ana. A atuação do aedo nos banquetes homéricos. *Caminhos da História*, Vassouras, v.7, n.1, p.69-92, jan./jun. 2011.

HALL, Jonathan. *A History of the Archaic Greek World, 1200-479 BC*. Oxford: Blackwell, 2006.

HARTOG, François. *Memória de Ulisses: narrativas sobre a fronteira na Grécia antiga*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003a.

HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

HARTOG, François. *Os antigos, o passado e o presente*. Organização José Otávio Guimarães, Tradução Sonia Lacerda, Marcos Veneu e José Otávio Guimarães. Brasília: Universidade de Brasília, 2003b.

HAVELOCK, Eric. *Prefácio a Platão*. Tradução E. A. Dobránsky. Campinas: Papirus, 1996.

HAVELOCK, Eric. *The Muse learns to write: Reflections on Orality and Literacy from Antiquity to the Present*. New Haven and London: Yale University Press, 1986.

HEIDEN, Bruce. The Muses' uncanny lies: Hesiod, *Theogony* 27 and its translators. *American Journal of Philology*, 128, p.153-175, 2007.

IRWIN, M. Eleanor. Evadne, Iamos and Violets in Pindar's "Sixth Olympian". *Hermes*, 124. Bd., H.4, p.385-395, 1996. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/4477161>. Acesso em: 03 maio 2020.

KIRK, G. S. *The Iliad: a commentary*. v.I. Cambridge: University Press, 1985-93.

KRAUSZ, Luiz S. *As Musas: poesia e divindade na Grécia Arcaica*. São Paulo: Edusp, 2007.

LACERDA, Sonia. *Metamorfoses de Homero*. Brasília: UnB, 2003.

LAKS, André. O duplo do rei: notas sobre os antecedentes hesiódicos do filósofo-rei. In: BLAISE, F.; LA COMBE, P.J. de; ROSSEAU, P. (ed.). *Le métier du mythe: Lectures d'Hésiode. Cahies de Philologie*. Lille: Presses Universitaires du Septentrion, p.83-91, 1998.

MALTA, André. *Homero múltiplo: ensaios sobre a épica grega*. São Paulo: Edusp, 2012.

MARCADÉ, Jean. Une représentation précoce de Thamyras et les Muses dans la céramique attique a figures rouges. *Révue Archéologique*, 1982.

MASLOV, Boris. The children of Mnemosyne: a contrastive metapoetics of Pindar and Bacchylides. *Philologia Classica*, v.11, fasc. 2, p.223-243, 2016a.

MASLOV, Boris. The genealogy of the Muses: an Internal Reconstruction of Archaic Greek Metapoetics. *American Journal of Philology*, p.411-446, 2016b.

MCHUGH, Kathleen Potthoff. *The Muses and Creative Inspiration: Homer to Milton*. (Master's Thesis of Arts in English). Florida: Department of Language and Literature, University of North Florida, 1993.

MINCHIN, Elizabeth. The poet appeals to his Muse: Homeric invocations in the context of epic performance. *The Classical Journal*, v.91, n.1, p.25-33, 1995.

MOJSIK, Tomasz. Between Tradition and Innovation: Genealogy, Names and the Number of the Muses. Translations Marcin Fijak. *AKME - Studia Historica*, set. 2011a.

MOJSIK, Tomasz. Muses and the gender of inspiration. *The Journal of Art and Science*, Sakarya University, 2008.

MOJSIK, Tomasz. Some reflections on the Muses and the cult of the dead. *Przegląd Humanistyczny*, n.2, 2013.

MOJSIK, Tomasz. The Muses and Sacrifice before Battle. In: BURLIGA, Bogdan (ed.). *Xenophon: Greece, Persia, and beyond*. Gdańsk University, 2011b, p.85-96.

MORAES, Alexandre Santos de. *A Palavra de quem canta: aedos e divindades nos períodos homérico e arcaico gregos*. (Dissertação de Mestrado em História). Rio de Janeiro: Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

MURRAY, Penelope. The Muses: creativity personified? In: STAFFORD, Emma; HERRIN, Judith. *Personification in the Greek World: From Antiquity to Byzantium*. London/New York: Routledge, 2017, p.147-160.

NAGY, Gregory. The "Professional Muse" and Models of Prestige in Ancient Greece. *Cultural Critique*, n.12, p.133-143, 1989.

OBBINK, Dirk. The Genre of Plataea: Generic Unity in the New Simonides. In: BOEDEKER, Deborah; SIDER, David. *The New Simonides: Contexts of Praise and Desire*. New York: Oxford University Press, 2001, p.65-85.

OLIVEIRA, Gustavo Junqueira Duarte. Identidade heroica e identidade da multidão na *Ilíada*. *Romanitas – Revista de Estudos Grecolatinos*, n.2, p.134-151, 2013.

PAIVA GOMES, José Roberto de. A inter-relação entre Arqueologia e História e a construção de um discurso imagético. *NEARCO - Revista Eletrônica de Antiguidade e Medievo*, v.14, n.1, p.6–10, 2022. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/nearco/article/view/71806>>. Acesso em: 13 nov. 2024.

RIBEIRO JR., Wilson A. Musa afinando duas cítaras. *Portal Graecia Antiqua*, São Carlos. Disponível em: <greeciantiga.org/img.asp?num=0848>. Data da consulta: Acesso em: 13 nov. 2024.

RIBEIRO JR., Wilson A. O relevo das musas. *Portal Graecia Antiqua*, São Carlos. Disponível em: <greeciantiga.org/img.asp?num=0346>. Acesso em: 13 nov. 2024.

RIBEIRO JR., Wilson A. Musa com cítara. *Portal Graecia Antiqua*, São Carlos. Disponível em: <greeciantiga.org/img.asp?num=0205>. Acesso em: 13 nov. 2024.

RUTHERFORD, Ian. The New Simonides: Toward a Commentary. In: BOEDEKER, Deborah; SIDER, David. *The New Simonides: Contexts of Praise and Desire*. New York: Oxford University Press, 2001, p.33-54.

SKARSOULI, Penelope. Calliope, a Muse Apart: Some Remarks on the Tradition of Memory as a Vehicle of Oral Justice. *Oral Tradition*, 21/1, p.210-228, 2006.

SMITH, William (ed.). *A Dictionary of Greek and Roman biography and mythology*. v.2. London: John Murray printed by Spottiswoode and Co., New-Street Square and Parliament Street, 1849. Disponível em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.04.0104%3Aentry%3Dmusae-bio-1>. Acesso em: 27 out. 2019.

SOMMERSTEIN, Alan. *Greek Drama and Dramatists*. London and New York: Routledge, 2002, p.1-32.

STEHLE, Eva. A Bard of the Iron Age and His Auxiliary Muse. In: BOEDEKER, Deborah; SIDER, David. *The New Simonides: Contexts of Praise and Desire*. New York: Oxford University Press, 2001, p.106-119.

TORRANO, JAA. O mundo como função de Musas. In: HESÍODO. *Teogonia: a origem dos deuses*. Estudo e tradução JAA Torrano. São Paulo: Iluminuras, 2011.

VERNANT, Jean-Pierre. *Mito e Religião na Grécia Antiga*. Tradução Joana Angélica D' Avila Melo. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2006.

WEST, Martin. *Indo-European poetry and myth*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

WHEELER, Graham. Sing, Muse...: the introit from Homer to Apollonius. *Classical Quartely*, v.52, n.1, p.33-49, 2002.